



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

ANDERSON EZIQUIEL DE MELLO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLYING)
ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS
2023

ANDERSON EZIQUEL DE MELLO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL
(CYBERBULLYING) ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS
DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva, na linha de pesquisa em Saúde Mental.

Orientador: Prof. Walter Ferreira de Oliveira, Ph.D.

FLORIANOPOLIS
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mello, Anderson Eziquiel
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL
(CYBERBULLYING) ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE
FLORIANÓPOLIS / Anderson Eziquiel Mello; orientador,
Walter Ferreira Oliveira, 2023.
87 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós
Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Saúde Coletiva. 2. Adolescente. 3. Representações
Sociais. 4. Cyberbullying. 5. Ensino Fundamental. I.
Oliveira, Walter Ferreira. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.
III. Título.

Anderson Eziquiel de Mello

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLYING)
ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 24 de janeiro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. (a) Sheila Rubia Lindner, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. (a) Marta Inez Machado Verdi, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. (a) Walter Ferreira de Oliveira, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Walter Ferreira de Oliveira, Dr.
Orientador

FLORIANÓPOLIS
2023

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a minha mãe, seja lá onde estiver sempre viverá comigo.

Ao meu pai, que com seu suor e trabalho sempre nos colocou afrente se suas escolhas e a quem devo muito. Sem ele literalmente não estaria nesta etapa da minha vida.

Ao meu irmão, quem responsabilizo a entrega deste trabalho. “A culpa é dele” por estar finalizando esta pesquisa. Foi ele que me falou da especialização, que me fez conhecer o mestrado e ele que nos momentos mais difíceis me abriu os olhos para consequências de determinadas atitudes que por ventura eu teria tomado. Obrigado pela parceria.

Ao professor Walter, que teve paciência comigo nas minhas dificuldades acadêmicas e compreensão em momentos problemáticos da nossa relação. Vou sentir falta do desafio intelectual, e as vezes físico, proporcionado pelo senhor. Obrigado.

Ao grupo de pesquisa GPPS, mesmo com convivência limitada me auxiliou muito, principalmente durante o processo da escolha do tema e da qualificação.

Aos professores da Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

A coordenadoria do programa e principalmente a secretaria Maria Julia, sempre prestativa e atenciosa com as questões referentes aos problemas com os estudantes.

Agradeço também a CAPES pelo incentivo financeiro.

Obrigado aos envolvidos que não foram lembrados neste momento.

Resumo

A violência é reconhecidamente como um grande problema na sociedade. Envolve setores do sistema público, como a segurança pública e a saúde pública. Para proteção da população mais vulnerável contra violências, diversas políticas públicas foram elaboradas, entre elas está o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A violência contra crianças e adolescentes se configura como um desafio para a sociedade. Várias são as violências que sofrem esta população que vão desde a negligência até a violência física. Dentre estas violências sofridas pelas crianças e adolescentes existe uma que é sofrida na escola, denominada *bullying*. Esta forma de agressão característica, por ser no ambiente escolar, pode causar muitas sequelas para uma vida adulta saudável. Crianças e adolescentes que sofrem ou sofreram este tipo de violência estão mais propensas a depressão, suicídio e uma vida adulta não plena e com dificuldades sociais. Dentro desta vertente e com as várias mudanças ocorridas na sociedade por conta da internet, as redes sociais passaram a determinar uma outra forma de comunicação, a virtual. Com estas comunicações por meio virtual, o *bullying* passou a ser realizado de forma virtual, agregando outros atores e com uma plateia muito maior, denominada *Cyberbullying*. Este projeto de pesquisa teve como objetivo identificar as Representações Sociais de adolescentes do terceiro ano do ensino médio de três escolas públicas de Florianópolis, região sul do Brasil, sobre a violência virtual/*Cyberbullying*. Trata-se de um estudo qualitativo que pretendeu descrever sobre como pensam os adolescentes participantes sobre o tema. Foram aplicados dois questionários online, um para os estudantes menores de idade, abaixo de 18 anos e outro para os estudantes maiores de idade, acima de 18 anos de idade do terceiro ano do ensino médio das três instituições selecionadas. Para autorizar a participação dos estudantes menores de idade foi elaborado um formulário para os pais ou responsáveis. Com auxílio da Teoria das Representações Sociais, teoria que tem por orientação a compreensão de concepções de grupos e pessoas sobre determinado tema ou assunto, foram analisadas cinco expressões de cada estudante sobre a violência virtual com ajuda do software OpenEvoc. Os resultados foram apresentados no artigo intitulado “A Violência Virtual (*Cyberbullying*) a partir das Representações Sociais de Adolescentes de Escolas Públicas de Florianópolis/Sc.” No artigo estão, entre outros resultados, foram coletados 610 termos, agrupados por similaridade (Assédio, Consequência, Intolerância, Meio, Ofensas, Solução e Outros). Participaram desta pesquisa 122 estudantes, 39% do total de estudantes matriculados nos anos terceiros do ensino médio das escolas participantes. A idade dos participantes revelou que 70% tem idade de 18 anos ou mais e a maioria dos participantes foram do sexo feminino, com 59% de participação. Como resultado as representações sociais dos participantes do grupo geral tiveram como núcleo central os agrupamentos “Consequências” e “Ofensas”. Estes resultados revelaram que a compreensão destes estudantes sobre a violência virtual/*Cyberbullying* fora geralmente de condenação e desaprovação.

Palavras chave: Adolescente; Representações Sociais; *Cyberbullying*; Ensino Fundamental; Estudantes.

Abstract

Violence is recognized as a major problem in society. It involves sectors of the public system, such as public safety and public health. To protect the most vulnerable population against violence, several public policies were developed, among them the Statute of Children and Adolescents (ECA). Violence against children and adolescents is a challenge for society. There are several forms of violence that this population suffers, ranging from negligence to physical violence. Among these forms of violence suffered by children and adolescents, there is one that is suffered at school, called bullying. This characteristic form of aggression, being in the school environment, can cause many consequences for a healthy adult life. Children and adolescents who suffer or have suffered this type of violence are more prone to depression, suicide and an incomplete adult life with social difficulties. Within this aspect and with the various changes that have occurred in society due to the internet, social networks have come to determine another form of communication, the virtual one. With these communications through virtual means, bullying began to be carried out virtually, adding other actors and with a much larger audience, called Cyberbullying. This research project aimed to identify the Social Representations of teenagers in the third year of high school from three public schools in Florianópolis, southern Brazil, about virtual violence/Cyberbullying. This is a qualitative study that intended to describe how the participating adolescents think about the subject. Two online questionnaires were applied, one for underage students, under 18 years old, and another for over 18 years old students, in the third year of high school at the three selected institutions. To authorize the participation of underage students, a form was prepared for parents or guardians. With the help of the Theory of Social Representations, a theory that is guided by the understanding of conceptions of groups and people about a certain theme or subject, five expressions of each student about virtual violence were analyzed with the help of the OpenEvoc software. The results were presented in the article entitled "Virtual Violence (Cyberbullying) from the Social Representations of Adolescents from Public Schools in Florianópolis/Sc." In the article, among other results, 610 terms were collected, grouped by similarity (Harassment, Consequence, Intolerance, Means, Offenses, Solution and Others). 122 students participated in this research, 39% of the total number of students enrolled in the third year of high school at the participating schools. The age of participants revealed that 70% are aged 18 years or older and most participants were female, with 59% participation. As a result, the social representations of the participants in the general group had the "Consequences" and "Offences" groups as their central core. These results revealed that these students' understanding of virtual violence/Cyberbullying was generally one of condemnation and disapproval.

Keywords: Adolescent; Social Representations; Cyberbullying; Elementary School; Students.

Sumário

1.	Introdução	9
2.	Sobre a violência	10
2.1.	A multideterminação da violência	10
2.2.	A violência na adolescência	14
3.	A teoria das representações sociais	20
3.1.	Teoria complementar do núcleo central	21
3.2.	A técnica de associação livre de palavras	22
4.	Objetivos	24
4.1.	Objetivo geral	24
4.2.	Objetivos específicos	24
5.	Metodologia	24
5.1.	O campo da pesquisa	26
5.2.	Participantes	26
5.3.	Procedimentos	27
5.4.	Aspectos éticos	29
5.5.	Limitações da pesquisa	29
5.6.	A análise dos dados	30
6.	Resultados	32
7.	Artigo	33
8.	Conclusão	72
	Referências Bibliográficas	75
	Apêndice a - Convite entregue na sala de aula para os estudantes	82
	Apêndice b – Termo de consentimento livre e esclarecido	83
	Apêndice c – Termo de assentimento livre e esclarecido	85
	Anexo 1 - Termo de autorização da secretaria de estado da educação	87

1. INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a violência é reconhecida como problema da ordem de setores criminais e de segurança, e desde o ano de 1986 passou a ser também considerada um problema de saúde pública e abordada em várias resoluções de entidades internacionais (KRUG *et al*, 2002). Uma publicação sobre este tema, a “Declaração de Sevilla Sobre a Violência” (UNESCO, 1992), afirma que a violência não é resultante de programação genética, sendo assim, evitável. Na Assembleia Mundial de Saúde, em 1996, realizada na cidade de Genebra, a Organização Mundial de Saúde elaborou a resolução WHA 49.25, afirmando que a violência é um importante problema de saúde no mundo e recomendou aos Estados membros o enfrentamento do problema (OMS, 2014).

No Brasil o exemplo de uma das medidas adotadas para o enfrentamento da violência é a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências (PNRMAV), portaria nº 737/GM do Ministério da Saúde, de 16 de maio de 2001 (BRASIL, 2001). Uma importante medida desta política é a inclusão do setor da saúde no enfrentamento das violências e acidentes. Tendo como premissa o envolvimento dos setores de segurança, justiça e saúde, afim de desenvolver ações articuladas e sistematizadas em acordo com as diretrizes e responsabilidades de cada setor com a temática da violência e acidentes. Ao incorporar estes dois temas buscou-se não somente abranger questões médicas e biomédicas, mas as que envolvem o estilo de vida, o conjunto de condicionantes sociais e históricos ambientais (BRASIL, 2002).

Em seu estudo sobre a violência e Saúde Coletiva, Oliveira (2008), defende que o ser humano é um ser social e entende-lo somente é possível no contexto de suas vivências, mais especificamente “em suas afirmações, respostas, identificações e representações como vivenciadas no território geopolítico e cultural onde exerce suas atividades vitais” (OLIVEIRA, 2008, p. 44).

No que diz respeito ao enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes a Lei nº 8.069, de 13 de setembro de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é exemplo de medidas intersetoriais na prevenção e atuação sobre a violência nessa população, envolvendo os setores judiciário,

segurança e de saúde (BRASIL, 1990). É importante ressaltar que o ECA foi anterior a política de redução da morbimortalidade citada acima, o que mostra a importância da prevenção da violência e concomitantemente a promoção de saúde para as crianças e adolescentes.

Ao estudar a população de jovens e crianças, a vivência escolar se torna um campo fértil e talvez a melhor forma para buscar respostas para variados assuntos deste grupo e a respeito da violência sofrida por crianças e adolescentes no contexto escolar, a temática toma proporções que vão ao encontro ao *bullying*. Levando em conta o momento histórico em que vivemos atualmente, com a tecnologia dominando nossas vidas e conseqüentemente cada vez mais a necessidade de utilização das comunicações virtuais, este tipo de violência escolar, não é de hoje, se desloca para o mundo virtual, levando jovens e crianças a sofrerem com publicações de suas privacidades e inverdades, entre outras coisas, que são veiculadas em redes sociais e sites.

Mesmo com todas estas abordagens e leis sobre o tema, uma característica se torna emergente neste momento histórico e pode vir a ser um importante problema de saúde para esta população, a violência virtual. Este tipo de violência, muito conhecido como *Cyberbullying*, é relativamente recente e carece ainda ser melhor analisado e pesquisado.

Este trabalho tem por finalidade analisar as representações sociais dos adolescentes de três escolas estaduais de Florianópolis sobre a violência virtual ou *Cyberbullying*. Segundo Moscovici (2012), as representações sociais “é a teoria que busca a construção do mundo pelo sujeito” e, desta forma, ela se torna uma abordagem interessante para saber como o adolescente interpreta este tipo de violência.

2. SOBRE A VIOLÊNCIA

2.1. A multideterminação da violência

A violência é caracterizada por ser multifacetada. Suas variadas faces a tornam um objeto complexo de ser tratado. Minayo (2006) descreve o termo como aparentemente neutro, mas que ao ser analisado se mostra carregado de conflitos

autoritários, vontades de domínio, lutas pelo poder, de posse e extermínio do outro e de suas propriedades. Indo além, a violência pode ter aprovação ou não de quem a julga ou a presencia e ser legal ou não dependendo das normas sociais vigentes. Ela tem tempo, lugar e situações em que podem ser toleradas ou condenadas.

A violência pode ser natural ou artificial. A versão artificial é a que é condenada socialmente e, resumidamente, consiste em exagerado uso de força sobre alguém. Quando se fala em violência, à primeira vista, pode parecer que suas variadas formas sempre ultrapassam o estado relacional de convivência socialmente aceita, mas na versão natural, segundo Pavani é a que: “ninguém está livre, ela é própria de todos os seres humanos” (PAVANI, 2016, p. 8). A violência natural, segundo Pavani, é expressa em atitudes de privação de liberdade ou em atitudes contrárias à vontade das pessoas. Desta forma, a violência natural pode passar por comportamentos aceitos dentro da comunidade ou que não são percebidos como violentos, assim, se configura muito além de agressões físicas ou verbais (PAVANI, 2016).

Para Krug (2002), “a violência é o uso intencional de força física ou poder real ou ameaça contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade” (KRUG, 2002, p.5). Antes dessa definição, o Brasil já havia conceituado a violência na Portaria do Ministério da Saúde nº 737/GM, de 16 de maio de 2001, como sendo “ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam danos físicos, emocionais e espirituais a si próprios e aos outros” (BRASIL, 2002, p.7). Segundo Minayo (2006), estas duas definições têm características operacionais, de caráter filosófico, com o sentido de intencionalidade, que coloca o ato violento como eminentemente humano, situado nas relações sociais nos seus variados níveis e responsabiliza os indivíduos e as coletividades pelo fenômeno.

Vários são os pensadores que contribuem para a discussão do tema da violência, e de acordo com Minayo (2006) há três vertentes que explicam o fenômeno. A primeira se refere a crises sociais, teorias que estavam na vanguarda das ideias sobre violência nas décadas de 1960 e 70, e que tem como base explicativa a teoria de Tocqueville, filósofo do início do século XIX, que explicou a Revolução Francesa como resposta a uma situação calamitosa vivida pela população. Esta violência é ocasionada pela revolta das pessoas mais atingidas socialmente, que se tornam violentas contra a sociedade e/ou contra o Estado por

não criar condições favoráveis a elas.

Outra vertente de explicação para o fenômeno da violência está na racionalidade de utilização da violência como um instrumento para atingir determinados objetivos. Ela é utilizada por excluídos do campo político para se manterem na cena política. Tem como principais teóricos Friedrich Engels (1877/1976), para ele a violência é um ato político que impulsiona o desenvolvimento econômico e Hannah Arendt (1951/1989) percebe a violência como uma forma de conquistar o poder, utilizada como instrumento para se chegar a níveis mais elevados de manipulação e submissão das pessoas. Hannah Arendt ressalta que a violência é utilizada quando não há diálogo ou quando este é insuficiente para o convencimento das pessoas ou dos grupos. Para este grupo de explicação do fenômeno da violência, ela é uma forma política de conseguir algo que almeja dos outros. Os governantes vigentes, no caso de Hannah Arendt, ou o sistema econômico vigente, no caso de Friedrich Engels, perpetram ou influenciam estas formas de violências.

Durkheim diz que a violência tem uma função social que denominou de *funcionalista*. Nesta linha de pensamento, Oliveira (2008), relata que a função social da violência “pode estar refletindo o que é melhor para determinados grupos sociais” (OLIVEIRA, 2008, p.47), e ao definirem o que é um comportamento desviante, criminoso ou agressivo estão de certa forma se protegendo contra ameaças aos seus interesses, ou, por outra vertente, atos considerados de transgressões é um caminho que grupos opositores encontram para reivindicar melhores condições de vida. Desta forma, o ato violento passa “a ser considerado na esfera de disputa de poder” (OLIVEIRA, 2008, p.49).

A terceira vertente explicativa vem na linha de pensamento de que a violência é articulada pela cultura. Norbert Elias (1993) diz que o processo de civilização da sociedade levou os indivíduos a controlarem sua agressividade e as pulsões violentas institucionalizando-as e criando formas de resoluções de conflitos mediados pelo direito e pelas leis. Outro teórico que pensou sobre a temática da violência em articulação com a cultura é Freud (1932) que associa os atos instintivos dos seres humanos em dois tipos: o agressivo e destrutivo e o outro que tende a preservar e a unir, que denominou de Eros, estes tendem a agir conjuntamente no sentido do objetivo a ser alcançado.

Wieviorka (2006) nos traz uma conceituação de violência mais

contemporânea, demonstrando que a violência e a percepção que temos dela muda com o tempo. Tempos atrás tínhamos guerras que vitimaram muitas pessoas, em um curto espaço de tempo, hoje temos um aumento no crime organizado, nas guerras éticas e no terrorismo, com ameaças nuclear, biológica e bacteriológicas. A globalização trouxe novos olhares para fenômenos culturais, sociais e políticos combinando com as dimensões mundiais e locais. É desta maneira que, por exemplo, o terrorismo, bem como o tráfico de armas, drogas e de pessoas, se tornaram globais, pois atuam em redes, em diferentes países e com atores locais.

A teoria de Wieviorka é focada nas relações das modificações de formas de produção e na gradativa perda de espaço do movimento operário. No mundo atual, faltam mecanismos de expressão de conflitos e considera que: “a violência é o contrário do conflito institucionalizado, ela traduz a existência de problemas sociais que não são transformados em debates e em conflitos de sociedade” (WIEVIORKA, 2006, p. 1550).

Minayo (2006) diz que dentro do campo subjetivo, o mundo da globalização e da criminalidade em rede é também o momento de reivindicações de reconhecimento público das identidades singulares e o momento da reivindicação de reparação de injustiças históricas. Personalidades que foram ganhando corpo como atores políticos, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, transformaram os seus sofrimentos e a opressão que recebiam e sentiam em causas sociais. Colocaram em evidência as consequências que atos de violência contra a integridade física, moral e emocional sofridas, causaram a eles e seus efeitos nas gerações futuras.

Pode-se visualizar, neste contexto, os movimentos por direitos (negro, mulher, deficientes físicos, doentes mentais, homossexuais, indígenas, descendentes de vítimas de genocídios e entre outros, da cidadania da criança e dos adolescentes). Todos estes movimentos trouxeram para o cotidiano e para as vivências das pessoas a discussão da violência e suas formas, expôs a subjetividade nas discussões das relações micropolíticas, mostrando que a violência influencia coletivamente e individualmente as pessoas, sendo preciso formas de proteção das vítimas tanto na vida privada como na pública (MINAYO, 2006).

Como consequência destas reivindicações surgiram várias leis que

orientam sobre os direitos de populações mais vulneráveis. Em 2001, a Lei nº 10.216, de 6 de abril, mais conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica, dispõe sobre a proteção das pessoas com transtorno mental, população que historicamente sofria e não é exagero dizer, ainda sofrem muitas violências, é um exemplo de proteção a populações vulneráveis (BRASIL, 2001).

Em 2003, com a Lei nº 10.741, foi lançado Estatuto do Idoso, que garante os direitos das pessoas acima de 60 anos de idade, representa um avanço inegável para a legislação e uma das mais importantes ferramentas de inclusão e proteção social no Brasil. Outra importante ação para assegurar direitos é a Lei nº 10.778, de 24 de dezembro de 2003, que assegura a notificação compulsória de violência contra a mulher em casos de agressão, morte, dano físico, sexual ou psicológico, nos atendimentos de saúde privados ou públicos. No caso de proteção contra a mulher, talvez a lei que mais seja conhecida do público é a Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, Lei Maria da Penha, tem o objetivo de reprimir a violência doméstica e familiar contra a mulher, colocando a violência doméstica como uma violação dos direitos humanos (BRASIL, 2009).

Em 1990, mesmo antes da publicação da Política Nacional de Redução da Mortalidade por Acidentes e Violências, para a proteção dos direitos da criança e do adolescente, foi lançada a Lei nº 8.069, de 13 de setembro de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que garante os direitos e a proteção da população infanto-juvenil. Entre os diversos avanços que ela trouxe, podemos destacar a redução da mortalidade infantil, um aumento da população escolar de 81,4% em 1992 para 94,8% em 2005 e a criação de conselhos tutelares e do programa de erradicação de trabalho infantil (PETI) (BRASIL, 2009). Este se configura como um importante instrumento de prevenção, promoção e proteção à violência acometida contra crianças ou adolescentes. Com a lei 13.824, de 9 de maio 2019, o Estatuto da Criança e da Adolescência foi reformulado e foram feitas algumas atualizações que não modificaram a essência do material.

2.2. A violência na adolescência

A fase da adolescência é de fato um período de transição e dúvidas. E mesmo sendo uma população com uma atenção considerável quanto a proteção

contra violência, é ainda uma população que sofre das diversas facetas da violência. Resultante disso podem vir prejuízos na saúde e qualidade de vida. As formas mais comuns de vitimizar as crianças e adolescentes é a negligência, juntamente com as

violências físicas, psicológicas e sexuais. Segundo a UNICEF (2014), somente no ano de 2012, foram identificadas, em todo o mundo, 95.000 vítimas de homicídio em idade de zero a 19 anos, a cada cinco homicídios uma é de crianças e jovens até 19 anos. Outro relatório UNICEF (2021), intitulado “Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil” revelou que a violência nesta população é diferenciada em acordo com a idade do sujeito, as crianças são vítimas de violência doméstica por agressores próximos, já as meninas sofrem violência sexual, dentro de casa por conhecido e os adolescentes sofrem violência em sua maioria fora de casa, por armas de fogo e racismo. Este estudo foi uma união de ocorrências policiais, entre 2016 a 2020, nas capitais brasileiras.

Malta *et al.* (2012), realizaram um estudo com crianças e adolescentes entre as idades de 10 a 19 anos vítimas de acidentes ou violências atendidas nos serviços de urgência e emergência nas capitais brasileiras utilizando o inquérito de Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA). Por meio do Inquérito, no ano de 2009, foi constatado que 89,8% foram atendidos por decorrência de acidentes e 10,2% foram por decorrências de agressões, sendo a maioria de internações realizadas com adolescentes nas idades entre 15 a 19 anos.

Outro estudo de revisão sistemática realizado com o tema acidentes e violências com adolescentes (MARTINS, 2013), expôs nove fatores de risco para esta população, que são: *fatores socioeconômicos; a constituição ou estrutura familiar; o ambiente doméstico; as características das vítimas*, que seria a busca de emoção, falta de experiência, impulsividade, etc. O *sexo da vítima*, com predomínio do sexo masculino; *a raça* é identificada como fator de risco na população pretos e pardos; *o uso de bebidas ou substâncias químicas*; os *fatores biológicos* presentes em estudos nos campos da genética e neurofisiológicos, apontando que o comportamento agressivo não está somente relacionado a fatores ambientais e sociais e *fatores multicausais*, que envolvem desde níveis individuais indo até os níveis que compreendem o social.

Para Minayo (2006), a violência no Brasil contra crianças e jovens se manifesta em diversos comportamentos e aponta as principais formas em que elas

ocorrem: a violência estrutural, a violência intrafamiliar e a violência delinquencial.

Para a autora, a manifestação da *violência estrutural* é a que está condicionada na vida das famílias das crianças e adolescentes. É caracterizada por disposições

sócio-históricas e determinam as possibilidades de desenvolvimento e crescimento. Segundo o relatório do Cenário da Criança e Adolescente no Brasil de 2019, da Fundação ABRINQ, o total de crianças de zero a 14 anos que vivem em situação domiciliar com renda de até ¼ do salário mínimo em 2018 era de 9,3 milhões, percentualmente, dentro desta população, isso equivale a 22,2% (ABRINQ, 2019). Ainda, segundo Minayo, por se caracterizar no decorrer da história do país, este tipo de violência se mostra naturalizada e são mais predominantes nas regiões brasileiras mais pobres economicamente. Suas formas básicas estão nas vulnerabilidades enfrentadas em trabalhos infantis ou dentro de instituições de privação de liberdade (MINAYO, 2006).

Outra forma de manifestação de violência contra crianças e jovens apontada pela mesma autora, é a *violência intrafamiliar*, ocorrem no seio familiar e, geralmente, são formas distorcidas de comunicação e das relações entre os membros da família. Quando é identificada em algumas famílias, os maus-tratos e os abusos são sofridos por todos com diferentes hierarquizações e, neste sentido, as crianças se tornam válvulas de escape para sentimentos de hostilidade vivenciados pelos adultos.

Um estudo de Antunes; Machado e Malta (2020), descreveu os fatores associados à violência intrafamiliar contra adolescentes, por meio da análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), com adolescentes de 13 a 17 anos. Os autores encontraram que os fatores associados à este tipo de violência são, entre outros: ser do *sexo masculino mais jovens* (10 a 14 anos), os que estão acima desta idade, estão mais sujeitos a violências nas vias públicas; terem *mães sem ensino superior*, uma maior escolaridade da mãe diminui o risco do adolescente sofrer com este tipo de violência; *insônia ou dificuldade para dormir e sofrer bullying*, pode aumentar as chances dos adolescentes de serem vítimas de violência intrafamiliar; ser *preto do sexo masculino*, está associado a maiores chances de sofrer com este tipo de violência e somando-se a isso, a população de adolescentes pretos do sexo masculino, está mais envolvida com a experimentação de entorpecentes ilegais, cigarros, bebidas e estão mais

envolvidos em lutas físicas.

A *violência delinquencial* é outro tipo de violência contra jovens e crianças que Minayo (2006) apresenta. É aquela que coloca os holofotes na delinquência juvenil, principalmente depois da elaboração do ECA. No relatório do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), no ano de 2017, foi constatado que 26.109 adolescentes, entre as idades de 12 a 21 anos, estavam incluídos em sistemas socioeducativos no Brasil, destes 25.063 eram do sexo masculino e 1.046 do sexo feminino (BRASIL, 2019).

Minayo (2006) coloca que este tipo de manifestação de violência deve ser bem melhor analisada, pois está diretamente ligada as desigualdades do país e associadas a violência estrutural e de classe social. A quase totalidade dos que cumprem medidas socioeducativas são de crianças e jovens das classes mais pobres da população.

Com estas manifestações de violência sofridas pelas crianças e jovens, fica imperativo entender como este fenômeno se apresenta dentro das escolas, locais em que todos estes indivíduos se juntam com suas subjetividades e singularidades, onde a transversalidade das suas vivências se encontram.

Reis; Malta; Furtado (2018), em um estudo sobre os desafios e problemas para políticas voltadas para adolescência brasileira, analisaram os resultados do inquérito da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), dentre outros resultados, encontraram que a supervisão familiar é fator protetivo contra consumo de álcool, tabaco e drogas. O que corrobora com a pesquisa de Oliveira (2019) relatando que relacionamentos que os adolescentes têm com a família vai determinar se ele tem comportamentos violentos consigo e com o outro. Neste mesmo estudo, o autor observou que as interações familiares positivas têm influência na determinação de proteção contra o *bullying* e na vitimização de crianças ou adolescentes, o contrário também se mostrou quando da interação negativa com os familiares.

Quando se fala de adolescentes e violência na escola, o *bullying* é o tipo de violência mais evidente e de acordo com o *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*, (2002, p.149) citado por Gonçalves; Vaz, (2021, p.193), a palavra *bully*, mais especificamente, fazer um *bully*, que é a palavra que dá origem ao *bullying* é: “uma pessoa que utiliza a sua força ou poder para amedrontar ou

magoar aqueles que são mais fracos” (p.149). E segundo o APA *Dictionary of Psychology* (VANDERBOS, 2007, p. 139), o conceito de *bullying* é: “o comportamento ameaçador e agressivo persistente direcionado às pessoas, especialmente aqueles que são menores ou mais fracos” (*apud* GONÇALVEZ; VAZ, 2021).

Afifi *et al.* (2018) demonstraram em sua pesquisa sobre as vítimas de *bullying*, que estes têm taxas elevadas de absenteísmo escolar, que o desenvolvimento escolar são mais baixos e apontam resultados contrários a uma saúde emocional e física

consideradas boas. Sua pesquisa encontrou que as meninas sofrem geralmente mais *bullying* que os meninos em todas as séries analisadas (7º série até a 12º série, a 12º série corresponde ao 3º ano do ensino médio no Brasil). Foram observados seis tipos de vitimização a mais do que os meninos, e destes, a mais comum é falar algo ruim sobre as formas corporais, correspondendo a 46,8% dos relatos. Nos meninos, a forma mais comum relatada no último ano foi sofrer intimidação, ser insultado ou ridicularizado, sendo relatado por 33,8% dos estudantes.

Entre as formas de vitimização analisadas pelos pesquisadores, três tem no contexto virtual a prática do *bullying*, são elas: intimidado ou perseguido pela internet (e-mail ou redes sociais), alguém solicitou informações pessoais pela internet e alguém os faziam sentir-se inseguros ao entrar em contato com eles pela internet. Os resultados encontrados sobre estes tipos de violência nos meninos foram que: 15,0% relataram que alguém pediu informações pessoais, 9,1% disseram que foram intimidados ou perseguidos na internet e 5,8% relataram se sentir inseguros ao entrar em contato com alguém pela internet. Já entre as meninas estas formas de vitimização corresponderam a: 24,1% relataram terem sido solicitadas informações pessoais, 20,3% relataram terem sido vítimas de *bullying* ou perseguição pela internet e 13,2% disseram sentir-se inseguras ao entrar em contato com alguém pela internet (AFIFI *et al.*, 2018).

Numa linha de estudos baseados nas Representações Sociais, Cavalcante (2019), relatou como o adolescente apreende o *bullying*. Seus achados evidenciaram que as representações sociais sobre o tema são baseadas no preconceito e na intolerância quanto as diferenças e são vistas como brincadeiras típicas entre o grupo, o que pode tornar o fenômeno naturalizado, dificultando seu

enfrentamento.

Rosane (2011), em sua dissertação de mestrado, baseada na teoria das Representações Sociais, fez uma comparação do relato dos estudantes com os artigos publicados sobre o tema *bullying*. As falas dos adolescentes se mostraram associadas ao preconceito, de perspectiva intergrupala e nos artigos científicos as análises eram relacionadas a variáveis sociodemográficas, uma perspectiva interindividual.

Os resultados das entrevistas com os adolescentes o *bullying* estava relacionado ao preconceito, geralmente com as minorias, na culpabilização da vítima e na banalização da violência, sendo utilizados termos como “brincadeiras” e “rir”. A falta de suporte das escolas e da família foi relatada pelos adolescentes, em termos como “falta de educação” e “falta de providências”. Nos artigos científicos houve predominância de pesquisas empíricas, numa classificação padronizada do *bullying* e com destaque para a falta de intervenção para o problema no Brasil (ROSANE, 2011).

A fim de analisar este fenômeno de uma forma mais contemporânea, vamos focar na violência que ocorre no meio eletrônico. O *Cyberbullying* ou a Violência Virtual entre os escolares se torna mais uma forma de violência entre os adolescentes e que requer um olhar mais atento.

Ferreira; Deslandes (2018), em um trabalho de revisão sistemática de artigos sobre o assunto, constatou que não há uma definição única para o fenômeno do *Cyberbullying*, ou seja, violência realizada com auxílio de ferramentas eletrônicas e de forma virtual. Seus achados resultaram em, como chamaram, de “polifonia de definições”. Os pesquisadores não encontraram consentimento sobre sua natureza e seus limites. Os limites semânticos também são problemas nas traduções, modificando as compreensões sobre o fenômeno. Um exemplo colocado foi de estudos de língua latina que usam o termo “acoso digital”, e traduzindo para a língua portuguesa o sentido é de perseguição sistemática, o que segundo os autores, não se caracteriza no *Cyberbullying*. No âmbito desta discussão, os autores evidenciaram dois blocos de divisão sobre as definições do fenômeno, os que reconhecem o *Cyberbullying* como uma nova forma de *Bullying* e as que veem o *Cyberbullying* como de outra natureza, diferente do *Bullying*.

O grupo de estudos analisados que enxergam o fenômeno como igual ou uma

variante do *Bullying*, encontraram algumas características que diferenciam os dois fenômenos, entre elas estão: o anonimato, uma audiência maior, tendo como consequência um maior impacto, individualidade na prática, não tem presença física e as vítimas são atacadas a qualquer momento e lugar. Suas características similares seriam o caráter de repetição, o uso de palavras com sentido cruel, o desequilíbrio de poder e a intencionalidade de prejudicar o outro. (FERREIRA; DESCLANDES, 2018). Nos estudos em que afirmam que o *Cyberbullying* seria uma nova forma de violência, seus argumentos se baseiam na audiência que o evento pode ocasionar. No *Bullying* ela é limitada aos presentes e no *Cyberbullying* ela é exponencial sem controle por parte do perpetrador. E outro argumento de que ela não seria igual é sobre o perpetrador, quem sofre o *bullying* pode ser o que se utiliza do mundo virtual para se vingar (FERREIRA; DESCLANDES (2018).

Com todas essas manifestações de violência abordadas acima e que certamente muitos membros da população sente ou observa, ou mesmo, com a naturalização que a sociedade, em alguns momentos, tem em relação a este tema, se torna importante saber como o adolescente a interpreta. Muito discutida entre pesquisadores e estudiosos e com características multideterminadas que vão além de uma mera visão disciplinar conceitual vamos buscar na Teoria das Representações Sociais analisar o que o adolescente pensa sobre o fenômeno do *Cyberbullying* ou violência virtual.

3. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Criada por Serge Moscovici em 1961, a Teoria das Representações Sociais foi elaborada em sua tese de doutorado, *La Psychanalyse: son image et son public*, que estudou as representações sociais da psicanálise na cidade de Paris e como seus conceitos foram apropriados e reinventados por outros grupos (ARAÚJO, 2013).

Para Abric (2001), se chama representação “o produto e o processo de uma atividade mental por intermédio da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real” (ABRIC, 2001, p.156). Todas representações sociais são as particularizações de um objeto, realizada por um sujeito ou um grupo de sujeitos, seguindo suas crenças e valores que foram agregados da cultura em que está situado. A

representações sociais é uma forma de conhecimento singular que molda o comportamento e a comunicação entre os indivíduos, orientando-os na interpretação do mundo e nas formas de comunicação e de comportamentos.

Com base no conceito de Émile Durkheim das Representações Coletivas, Moscovici parte de uma abordagem diferenciada de sujeito-objeto. Assim, em acordo com a teoria moscoviciana, não há separação entre os universos exterior e interior dos sujeitos ou dos grupos, suas representações de objetos seriam complementos de seus comportamentos dentro de seus contextos, indissociáveis e formados ao mesmo tempo (ARAÚJO, 2013).

Abric (2000) coloca como exemplo que, no exato momento em que uma opinião é manifestada em relação ao objeto, essa opinião é, podemos dizer, originada do próprio objeto, pois este é construído de forma que deve ser coerente com a lógica utilizada pelo sujeito ou por um grupo. Para Jodelet (2001) as Representações Sociais são: “formas de conhecimentos socialmente elaborados e compartilhados, com um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001 p. 24).

Seria importante destacar que as Representações Sociais, segundo Moscovici (2012), são sistemas de concepções, valores e imagens, com significação cultural própria, que sobrevive sem ligação com nossas experiências singulares e que são impostas sem nosso consentimento e de forma quase imperceptíveis conscientemente. Talvez é neste ponto que reside a importância de saber qual é a Representações sociais de violência que os jovens percebem. Como estes elaboram suas representações sobre o objeto “violência virtual” ou “*Cyberbullying*” e desta forma como se comportam e se relacionam frente a este tema.

3.1. Teoria Complementar do Núcleo Central

Abric (2000), foi o criador da Teoria do Núcleo Central, esta, sendo considerada uma teoria complementar à Representações sociais de Moscovici. O autor relata que a teoria do Núcleo Central se inicia com a hipótese de que o conteúdo organizado de uma Representações sociais não é apenas hierarquizado pelos elementos que o compõem, mas por um núcleo central. Em volta deste

núcleo estão os elementos periféricos específicos com o mesmo sentido atribuído ao objeto em análise.

O *Núcleo Central* é essencialmente determinado pelo campo social, sendo influenciado pelas condições sociológicas, históricas e ideológicas que formam as representações. É neste sentido que a homogeneidade de um grupo é definida, tendo como base comum o social e o coletivo, mesmo que os comportamentos individuais, constituídos pelos *Elementos Periféricos*, que são os outros elementos que constituem a formação das representações, se mostrem contraditórios. Por isso, para a representação ser duradoura no tempo, é preciso que ela seja estável e exista coerência entre seus componentes (ABRIC, 2000).

A existência deste duplo sistema nos faz compreender uma característica basilar das representações, que num primeiro momento podem se apresentar contraditórias, sendo elas rígidas e flexíveis e móveis e estáveis. Estáveis e rígidas no que diz respeito sobre a determinação de um núcleo central com profundas raízes nos sistemas de valores compartilhados pelos membros do grupo e móveis e flexíveis, no sentido que as experiências individuais são agregadas, os dados vivenciados e as situações específicas são integradas nas práticas e nas relações sociais onde se encontram o indivíduo ou os grupos (ABRIC, 2000).

Sendo assim, podemos destacar que o Núcleo Central e os Elementos Periféricos são interligados e conjuntamente formam as Representações Sociais. Cada um com sua função individual e complementar. Se as representações estiverem no campo social, ou seja, dentro da homogeneidade do grupo, elas estão sítidas no núcleo central, neste momento são mais resistentes a mudanças, mais estáveis e fechadas a acontecimentos ou situações novas. Se de modo contrário, são mais abertas a novas experiências e situações particulares e permite uma conexão com a novidade de novos olhares para a situação, características que apoiam a diversidade dentro do grupo, são constituintes dos elementos periféricos (ARAUJO, 2013).

3.2. A Técnica de Associação Livre de Palavras

Um método de identificação de Núcleo Central e dos Elementos Periféricos para Representações sociais é a Técnica de Associação Livre de Palavras ou

Expressões, reconhecida pela sigla (TALP). Este modo de fazer, parte das técnicas estruturantes das Representações sociais e são indicadas e justificadas pelo seu aspecto instintivo e pela dimensão projetiva, o que facilita o acesso de elementos que constituem o núcleo semântico da representação. É importante destacar que essa técnica facilita a coleta de elementos que constroem as representações, mas os resultados advindos dela têm significado associativo, não correspondendo todo o significado. De certa forma, por meio da associação livre, é possível a obtenção fácil e rápida da construção da semântica das representações, assim podemos obter elementos latentes ou implícitos que não apareceriam por meio de outras abordagens de conteúdo discursivo (ABRIC, 2000).

A TALP é um instrumento de pesquisa para uma investigação aberta, admitindo demonstrar, por meio de diferentes estímulos, conteúdos semânticos através do bojo dos universos comuns das palavras. Sua estrutura baseia-se na evocação das palavras através de um estímulo indutor, estímulo este que deve ser definido em acordo com o objeto em que se quer a representação, sempre levando em conta a sua amostra e/ou a população da pesquisa. Este estímulo, referente ao objeto, pode ser verbal ou não verbal. (COUTINHO; BÚ, 2017).

Saber o que o adolescente pensa, sente e observa sobre este problema pode dar respostas para futuras abordagens com esse grupo da população, que em pouco tempo vai estar no mercado de trabalho, constituindo família e exercendo lideranças na sociedade. O objetivo deste estudo é saber as Representações sociais que o adolescente do 3º ano do ensino médio do município de Florianópolis tem sobre a violência virtual ou *Cyberbullying*. Sendo este tema de crucial importância na sociedade e no campo da saúde coletiva, por influenciar diretamente no desenvolvimento emocional e o comportamento dos adolescentes. Se aproximar de suas representações sociais sobre este tema pode dar subsídios para comunicações mais condizentes esperadas por esta população.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações sociais de estudantes do ensino médio de Florianópolis sobre a Violência Virtual/*Cyberbullying*.

4.2. Objetivos Específicos

- Identificar as evocações dos estudantes do 3º ano do ensino médio de três escolas estaduais no município de Florianópolis sobre o tema da violência virtual/*Cyberbullying*.

- Descrever e compilar as representações sociais dos estudantes do 3º ano do ensino médio de três escolas estaduais públicas no município de Florianópolis sobre o tema Violência Virtual/*Cyberbullying*.

5. METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa foi estruturado com os principais métodos e técnicas baseadas nas pesquisas do Núcleo Central das Representações sociais.

A pesquisa qualitativa é compreendida como a que investiga o universo dos significados (MINAYO, 2002) pois “incorpora o que os participantes dizem, suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal como são expressadas por eles mesmos” (GONZAGA, 2006, p.70). Diante disto, ressalta-se que os métodos quantitativos presentes nesta pesquisa, concordando com Lima (2009), enfatizam que os materiais quantitativos não são mais ou menos adequados que o qualitativo para investigação de um objeto social, e segundo Duarte:

“O que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo” (DUARTE, 2004, p.215).

Sendo assim, para responder à questão da pesquisa “*Como o aluno do terceiro ano do ensino médio de três escolas estaduais do município de Florianópolis percebe o tema violência virtual ou Cyberbullying?*” Realizamos a coleta de dados com o objetivo de levantar e organizar as representações sociais de todos os participantes.

Ao propor o estudo das representações sociais de um determinado grupo à algum objeto, devemos seguir necessariamente algumas recomendações devido à diversidade de métodos e técnicas existentes no campo. Sendo assim, tanto a escolha dos métodos utilizados como a organização e a elaboração dos instrumentos para a coleta de dados devem ser balizadas pela teoria escolhida pelo pesquisador (SÁ, 2002).

Esta pesquisa esteve apoiada na Teoria do Núcleo Central, teoria complementar da Teoria das Representações Sociais. Desta forma, nossa estratégia foi a escolha que possibilitasse o levantamento dos elementos do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais dos estudantes.

Para o levantamento e organização dos possíveis elementos do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais sobre *Cyberbullying* ou violência virtual, lançamos mão da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Esta técnica foi eleita pela espontaneidade ao responder e pela possibilidade de utilização em grupos maiores, em comparação com outras técnicas, à exemplo, entrevistas individuais.

Sá (2002) relata que a organização interna da representação é comumente revelada pelo levantamento dos elementos que provavelmente formam o núcleo da representação. Abric (1994) *apud* Sá (2002) revela que, requerer que o participante reflita sobre o seu comportamento, neste caso, em redes sociais e/ou ambientes virtuais, por meio de análise, comparação e de hierarquia de palavras, diminui de forma significativa, a interpretação do pesquisador, tornando a análise dos dados, possivelmente, mais assertiva e pertinente. Desta forma, com o conteúdo e sua organização, fica mais provável determinar os possíveis elementos que compõem o núcleo central e o sistema periférico das representações sociais.

5.1. O Campo da Pesquisa

Florianópolis é a capital de Santa Catarina e conta com um pouco mais de meio milhão de habitantes em 2021, mais especificamente 516.524 pessoas, com densidade demográfica, no ano de 2010, de aproximadamente 623 habitantes por km². numa área total 674,844 km². Tem PIB *per capita* estimada em 2020, de 41.885.53 reais, valores que remetem a quantidade de arrecadação do município dividido pelo número de pessoas (IBGE, 2022).

Com base no último censo escolar disponível realizado no ano de 2020, Florianópolis conta com a existência de 24 escolas de ensino médio estadual, urbana e rural, divididas entre os bairros do município e contavam com 3552 estudantes matriculados no 3º ano do ensino médio (QEDU, 2021).

A fim de comparação selecionamos três escolas para aplicação do questionário. Para escolher quais escolas participariam, utilizamos como critério as regiões do município. Por conveniência, foram selecionadas uma escola estadual da região norte do município, outra da região sul e uma da região central do município.

5.2. Participantes

Para estar de acordo com a premissa, como já mencionado, foi proposta a coleta de dados pela Técnica de Livre Associação de Palavras (TALP) em três escolas do município de Florianópolis. Foram elas, a escola da região central do município, atualmente com 15 turmas do ensino médio, totalizando 437 estudantes. A escola da região norte, com 15 turmas e 483 estudantes cursando o ensino médio e a escola da região sul, que conta com nove turmas de ensino médio, totalizando 265 estudantes. (QEDU, 2020).

Nestas, um questionário *online* foi apresentado somente aos estudantes do terceiro ano do ensino médio e a quantidade total nas três escolas nesta fase do ensino foi de 312 estudantes. Na escola da região central, foram 140 estudantes (QEDU, 2020), 108 estudantes na escola da região norte (QEDU, 2020), e 64 estudantes na escola da região sul de Florianópolis. (QEDU, 2020).

O total de participantes foi de 122 estudantes, ou seja, esta pesquisa obteve

a participação de 39% dos estudantes dos terceiros anos do ensino médio das três escolas. Um pouco mais de 3% dos estudantes do município. A tabela abaixo mostra a porcentagem de participação por escola.

Tabela 1- Número de estudantes matriculados e de participantes.

Escolas	Total de estudantes matriculados	Total de participantes	%
Escola da região central	140	35	25
Escola da região norte	108	57	52
Escola da região sul	64	30	46
Total	312	122	39

Fonte – Dados do estudo, 2022.

5.3. Procedimentos

Para a coleta de dados foi utilizada a Técnica de Associação Livres de Palavras (TALP) e hierarquização. Esta técnica é frequentemente utilizada para investigação das estruturas das representações sociais. Através dela, é possível fazer análises que poderão indicar os elementos constituintes do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais do grupo, análise esta denominada prototípica. A fim de verificar subgrupos, foram solicitados aos participantes, além das evocações para a busca dos elementos constituintes do núcleo central, perguntas de cunho sociodemográfico, afim de caracterizar o perfil dos estudantes, desta forma no instrumento de coleta foi perguntado a escola que estuda, bairro onde mora, autodeclaração de cor e sexo, idade e com quem mora.

Após a autorização das escolas e dos professores para entrar nas salas de aulas, no dia 22/08/2022 o pesquisador esteve presente na escola localizada na região sul do município. No mesmo dia o pesquisador foi até a escola localizada na região central de Florianópolis e no dia 23/08/22 o pesquisador esteve presente na escola localizada ao norte do município. Os estudantes foram apresentados aos questionários *online* por meio de um convite ([apêndice A](#)) entregue em sala de aula para que respondessem *in loco*.

A aplicação *in loco* demandou que os estudantes tivessem acesso à internet e telefone celular com leitura de *QR code*, nativo ou baixado de lojas oficiais do sistema Android ou IOS. Aos estudantes que não tinham acesso à internet o pesquisador disponibilizou acesso a sua internet privada por meio de seu celular para a leitura do código e para responder ao questionário e aos estudantes que não tinham celular o pesquisador disponibilizou o seu aparelho para que participassem.

Os estudantes com idade superior a 18 anos somente tiveram acesso ao questionário após o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ([apêndice B](#)) e os estudantes menores de idade, só acessariam o questionário após aceitar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido ([apêndice C](#)). Os termos de consentimento e o de assentimento foram disponibilizados na íntegra e também havia um link para baixar os documentos assinados pelo pesquisador.

A principal regra ao responder o questionário é a não utilização de frases, somente palavras soltas, adjetivos ou substantivos. E quanto ao tempo, quanto mais rápido for o registro melhor (COLTINHO; BÚ, 2017). O tempo de resposta e presença nas salas de aula não ultrapassou 15 minutos, afim de não atrapalhar o andamento das aulas. O pesquisador, após explicar quem era e como participar da pesquisa e deixar claro que poderiam simplesmente não participar, tirou algumas dúvidas sobre os três *Qr codes* que estavam no convite. Um era o *Qr code* destinado ao formulário dos pais ou representantes, outro era destinado ao questionário dos estudantes menores de idade e o outro *Qr code* dava acesso ao questionário para os estudantes maiores de idade. Somente os estudantes que seus pais ou responsáveis autorizaram a participação fizeram parte da pesquisa.

Para o objetivo de alcance dos dados necessários para acessar as representações sociais dos estudantes, logo após responderem as questões sociodemográficas, eles eram encaminhados para a questão que fez uso da TALP. Sá (2002) descreve que esta técnica consiste em pedir que os participantes da pesquisa escrevam as palavras que lhes vem imediatamente à mente após entrarem em contato com o termo indutor. Sendo assim, no questionário foi pedido aos estudantes que escrevessem cinco palavras que vinham imediatamente à mente sobre o termo indutor, violência virtual ou *Cyberbullying*. A configuração do questionário disponibilizava cinco espaços para as evocações, onde, escreveriam as palavras em ordem de importância, da mais importante para a menos

importante.

5.4. Aspectos Éticos

Todos os procedimentos desta pesquisa estão em acordo com a Resolução CNS 510/2016 (Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais), bem como com as demais normativas e legislações vigentes e aplicáveis.

A coleta de dados somente foi realizada após autorização expressa dada pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina ([anexo 1](#)), do Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, acesso do documento neste [link](#), e dos diretores(as) das escolas participantes.

Os riscos que poderiam ocorrer com os participantes referem-se a episódios de ansiedade ou de outras condições psicológicas negativas devidos as lembranças de vivências de momentos constrangedores, humilhantes ou/e traumáticos que o tema da violência virtual pode acarretar. Não houve conhecimento de casos dessa natureza durante a aplicação dos questionários.

Entre os benefícios aos participantes encontramos a oportunidade de se expressar sobre o problema, o que, conforme a literatura (BENETTI; OLIVEIRA, 2016) pode trazer alívio a um sofrimento existente, e sentir-se encorajado a buscar mais informações sobre o tema da Violência Virtual. Os participantes receberam, ao final do questionário, uma mensagem abrindo a possibilidade de entrar em contato com o pesquisador para sanar dúvidas e obter mais informações sobre o tema da Violência Virtual e suas consequências. Informação está reiterada durante a visita do pesquisador *in loco*.

As escolas, a Secretaria de Estado da Educação e os participantes que mostrarem interesse, terão a devolutiva dos resultados da pesquisa. Esta pesquisa tem a finalidade de auxílio de busca de respostas para esta temática, podendo ser fonte de informações para possíveis soluções de problemas enfrentados, individual ou coletivamente, sobre o tema violência virtual.

5.5. Limitações da pesquisa

As limitações que ocorreram com esta pesquisa estão nos fatos de seus

resultados não serem extrapolados para a população geral. O público estudado não pode condizer com o pensamento de todos os adolescentes. Os resultados são de 39% de estudantes do terceiro ano do ensino médio de três escolas da rede estadual do município.

Sasso (2021), em seus achados encontrou 12 dissertações relacionados ao *Cyberbullying* e escolas no Brasil, demonstrando que ainda é um assunto embrionário no país, dificultando a comparação de resultados.

Outra limitação está no fato das análises das evocações. Quando impomos sentido a uma evocação e agrupamos com evocações semelhantes a possibilidade de equívocos não pode ser descartada. Esta limitação somente pode ser amenizada com entrevistas e maiores explicações do que foi respondido pelo participante.

Flament; Guimelli; Abric, (2006) evidenciaram um fenômeno que Guimelli (1998) denominou *zona silenciosa* e que algumas pesquisas experimentais apontaram para uma possível *zona mascarada* de algumas representações sociais. Isto seria o mascaramento de expressões que evidenciarium uma opinião socialmente não aceitável. No caso desta pesquisa, não se pode descartar que alguns participantes tenham mascarado suas evocações, evidenciando outra limitação desta pesquisa.

5.6. A Análise dos Dados

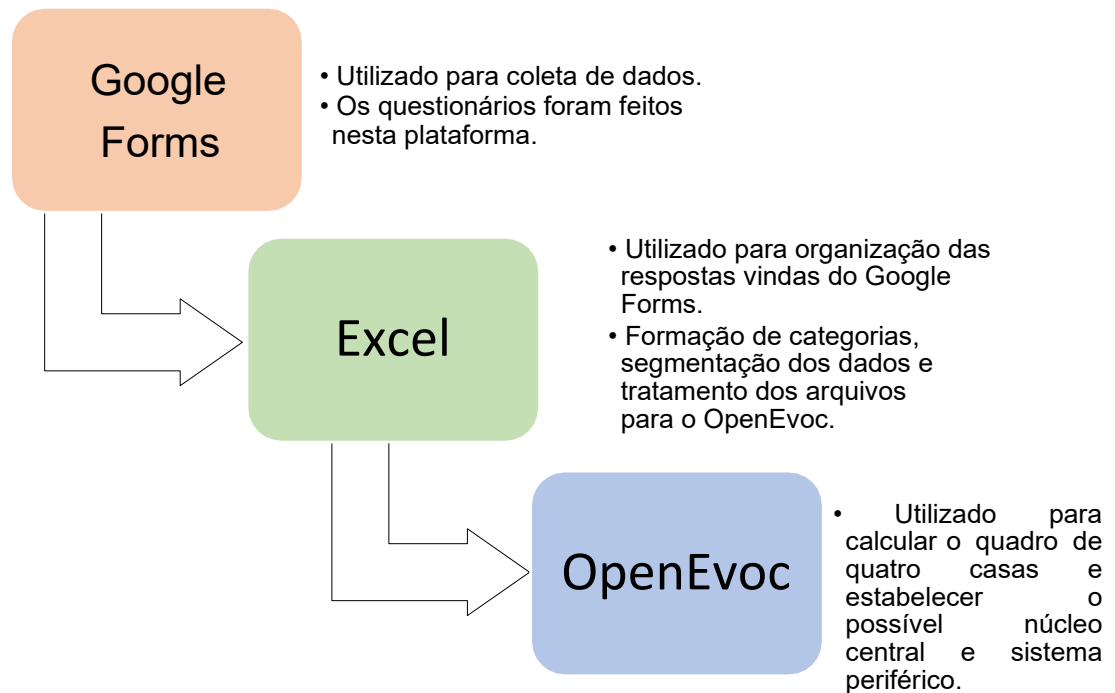
A estrutura das representações contidas nos questionários fora analisada com ajuda do instrumento OpenEvoc 0.94, baseado no *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (EVOC).

O OpenEvoc é um *software* que organiza as respostas e possibilita analisar as evocações dadas pelos participantes, subsidiando o reconhecimento das estruturas das representações sociais. O *software* de base foi desenvolvido por Pierre Verges e colaboradores em 1987 na França, permitindo encontrar os prováveis elementos constituintes do Núcleo Central e Elementos Periféricos das Representações Sociais (SANT'ANA, 2012).

Para organização das respostas foi utilizado o programa Microsoft Excel (versão 2019). Este programa possibilita a organização dos dados que foram

enviados pelos participantes. Outro programa utilizado foi o Google forms, da empresa Google. Foi por meio dele que o questionário pôde ser feito de forma *on line*, com recursos que possibilitassem a organização das repostas de forma a integrar com o Microsoft Excel e repassar para o OpenEvoc. Abaixo está um diagrama sobre a utilização destas ferramentas.

Figura 1 - Diagrama dos processos de coleta e de tratamento dos dados.



Fonte – Dados do estudo, 2022.

6. RESULTADOS

De acordo com o regimento interno do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC/UFSC), os resultados da referida pesquisa serão apresentados em formato de artigo científico, intitulado “A Violência Virtual (*Cyberbullying*) a partir das Representações Sociais de Adolescentes de Escolas Públicas de Florianópolis/Sc.” a ser submetido no periódico Trabalho, Educação e Saúde. O artigo segue as diretrizes para submissão da revista.

7. ARTIGO

A VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLYING) A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS/SC.

VIRTUAL VIOLENCE (CYBERBULLYING) FROM THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF TEENAGERS IN PUBLIC SCHOOLS IN FLORIANÓPOLIS/SC.

VIOLENCIA VIRTUAL (CIBERBULLYING) DESDE LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DE ADOLESCENTES EN ESCUELAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS/SC.

Resumo

As representações sociais é uma forma de acessar ideias e sentimentos de pessoas ou grupos. Este artigo busca identificar as representações sociais de adolescentes do terceiro ano do ensino médio de três escolas públicas de Florianópolis, região sul do Brasil, sobre a violência virtual/*Cyberbullying*. Foram aplicados dois questionários online, um para os estudantes menores de idade, abaixo de 18 anos e outro para os estudantes maiores de idade, acima de 18 anos de idade do terceiro ano do ensino médio das três instituições selecionadas. Para autorizar a participação dos estudantes menores de idade foi elaborado um formulário para os pais ou responsáveis. Com auxílio da Teoria das Representações Sociais, teoria que tem por orientação a compreensão de concepções de grupos e pessoas sobre determinado tema ou assunto, foram analisadas cinco expressões de cada estudante sobre a violência virtual com ajuda do software OpenEvoc. Foram coletados 610 termos, agrupados por similaridade (Assédio, Consequência, Intolerância, Meio, Ofensas, Solução e Outros). Participaram desta pesquisa 122 estudantes, 39% do total de estudantes matriculados nos anos terceiros do ensino médio das escolas participantes. A idade dos participantes revelou que 70% tem idade de 18 anos ou mais e a maioria dos participantes foram do sexo feminino, com 59% de participação. Como resultado as representações sociais dos participantes do grupo geral tiveram como núcleo central os agrupamentos “Consequências” e “Ofensas”. Estes resultados revelaram que a compreensão destes estudantes sobre a violência virtual/*Cyberbullying* fora geralmente de condenação e desaprovação.

Palavras chave: Adolescente; Representações Sociais; *Cyberbullying*; Ensino Fundamental; Estudantes.

Abstract

Social representations are a way to access ideas and feelings of people or groups. This article seeks to identify the Social Representation of teenagers in the third year of high school from three public schools in Florianópolis, southern Brazil, regarding virtual violence/*Cyberbullying*. Two online questionnaires were applied, one for underage students, under 18 years old, and another for over 18 years old students, in the third year of high school at the three selected institutions. To authorize the participation of underage students, a form was prepared for parents or guardians. With the help of the Theory of Social Representations, a theory that is guided by the understanding of conceptions of groups and people about a certain theme or subject, five expressions of each student about virtual violence were analyzed with the help of the OpenEvoc software. 610 terms were collected, grouped by similarity (Harassment, Consequence, Intolerance, Means, Offenses, Solution and Others). 122 students participated in this research, 39% of the total number of students enrolled in the third year of high school at the participating schools. The age of participants revealed that 70% are aged 18 years or older and most participants were female, with 59% participation. As a result, the social representation of the participants in the general group had the "Consequences" and "Offences" groups as their central nucleus. These results revealed that these students' understanding of virtual violence/*Cyberbullying* was generally one of condemnation and disapproval.

Keywords: Adolescent; Social Representations; *Cyberbullying*; Elementary School; Students.

Resumen

Las representaciones sociales son una forma de acceder a ideas y sentimientos de personas o grupos. Este artículo busca identificar la Representación Social de adolescentes del tercer año de la enseñanza media de tres escuelas públicas de Florianópolis, sur de Brasil, sobre la violencia virtual/*Cyberbullying*. Se aplicaron dos cuestionarios en línea, uno para estudiantes menores de edad, menores de 18 años, y otro para estudiantes mayores de 18 años, en el tercer año de secundaria en las tres instituciones seleccionadas. Para autorizar la participación de estudiantes menores de edad, se elaboró un formulario para padres o tutores. Con la ayuda de la Teoría de las Representaciones Sociales, teoría que se guía por la

comprensión de las concepciones de los grupos y las personas sobre un determinado tema o asunto, se analizaron cinco expresiones de cada estudiante sobre la violencia virtual con la ayuda del software OpenEvoc. Se recogieron 610 términos, agrupados por similitud (Acoso, Consecuencia, Intolerancia, Medio, Delitos, Solución y Otros). Participaron de esta investigación 122 alumnos, el 39% del total de alumnos matriculados en el tercer año de bachillerato en los colegios participantes. La edad de los participantes reveló que el 70% tiene 18 años o más y la mayoría de los participantes eran mujeres, con un 59% de participación. Como resultado, la representación social de los participantes en el grupo general tuvo como núcleo central a los grupos “Consecuencias” y “Delitos”. Estos resultados revelaron que la comprensión de estos estudiantes sobre la violencia virtual/acoso cibernético era generalmente de condena y desaprobación.

Palabras llave: Adolescente; Representaciones Sociales; ciberacoso; Enseñanza fundamental; Estudiantes.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a violência é reconhecida como problema da ordem de setores criminais e de segurança, e desde o ano de 1986 passou a ser também considerada como um problema de saúde pública e abordada em várias resoluções de entidades internacionais (Krug *et al*, 2002). A “Declaração de Sevilla Sobre a Violência” (Unesco, 1992), aponta que a violência não é resultante de programação genética, sendo assim, evitável. Na Assembleia Mundial de Saúde, em 1996, realizada na cidade de Genebra, a Organização Mundial de Saúde elaborou a resolução WHA 49.25, afirmando que a violência é um importante problema de saúde no mundo e recomendou aos Estados membros o enfrentamento do problema (OMS, 2014).

No Brasil o exemplo de uma das medidas adotadas para o enfrentamento da violência é a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências (PNRMAV), portaria nº 737/GM do Ministério da Saúde, de 16 de

maio de 2001 (Brasil, 2001). Uma importante medida desta política é a inclusão do setor da saúde no enfrentamento das violências e acidentes. Tendo como premissa o envolvimento dos setores de segurança, justiça e saúde, afim de desenvolver ações articuladas e sistematizadas em acordo com as diretrizes e responsabilidades de cada setor com a temática da violência e acidentes. Ao incorporar estes dois temas buscou-se não somente abranger questões médicas e biomédicas, mas as que envolvem o estilo de vida, o conjunto de condicionantes sociais e históricos ambientais (Brasil, 2002).

Em seu estudo sobre a violência e Saúde Coletiva, Oliveira (2008), defende que o ser humano é um ser social e entendê-lo somente é possível no contexto de suas vivências, mais especificamente “em suas afirmações, respostas, identificações e representações como vivenciadas no território geopolítico e cultural onde exerce suas atividades vitais” (Oliveira, 2008, p. 44).

No que diz respeito ao enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes a Lei nº 8.069, de 13 de setembro de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é exemplo de medidas intersetoriais na prevenção e atuação sobre a violência nessa população, envolvendo os setores judiciário, segurança e de saúde (Brasil, 1990). É importante ressaltar que o ECA antecedeu à política de redução da morbimortalidade citada acima, o que mostra a importância da prevenção da violência e concomitantemente a promoção de saúde para as crianças e adolescentes.

Ao estudar a população de jovens e crianças, a vivência escolar se torna um campo fértil e talvez a melhor forma para buscar respostas para diversos problemas enfrentados por este grupo, sendo que a violência sofrida por crianças e adolescentes no contexto escolar, a temática toma proporções que vão ao

encontro do problema *bullying*. Levando em conta o momento histórico em que vivemos atualmente, com a tecnologia dominando nossas vidas e conseqüentemente cada vez mais a necessidade de utilização das comunicações virtuais, este tipo de violência escolar, não é de hoje, se desloca para o mundo virtual, levando jovens e crianças a sofrerem com publicações de suas privacidades e inverdades, entre outras coisas, que são vinculadas em redes sociais e sites.

Mesmo com todas estas estratégias e leis que buscam enfrentar o problema da violência, uma característica se torna emergente neste momento histórico e pode vir a ser um importante problema de saúde para esta população, a violência virtual. Este tipo de violência, muito conhecido como *Cyberbullying*, é relativamente recente e carece ainda ser melhor analisado e pesquisado.

Esta pesquisa teve por finalidade analisar as representações sociais dos adolescentes de três escolas estaduais públicas de Florianópolis sobre a violência virtual ou *Cyberbullying*. Segundo Moscovici (2012), as representações sociais “é a teoria que busca a construção do mundo pelo sujeito” e, desta forma, ela se torna uma abordagem interessante para saber como o adolescente interpreta este tipo de violência.

MATERIAL E MÉTODO

Este artigo resulta da dissertação de mestrado do autor. Foi realizado um estudo de abordagem qualitativa que é compreendida como a que investiga o universo dos significados (Minayo, 2002), pois “incorpora o que os participantes dizem, suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal como são expressadas por eles mesmos” (Gonzaga, 2006, p.70).

O estudo ancora-se na Teoria do Núcleo Central, teoria complementar da Teoria das Representações Sociais. Desta forma, nossa estratégia foi a escolha que possibilitasse o levantamento dos elementos do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais dos estudantes.

Para o levantamento e organização dos possíveis elementos do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais sobre *Cyberbullying* ou violência virtual, lançamos mão da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Esta técnica foi eleita pela espontaneidade ao responder e pela possibilidade de utilização em grupos maiores, em comparação com outras técnicas, à exemplo, entrevistas individuais.

O público estudado foram estudantes de três escolas do município de Florianópolis. Foram elas, uma escola da região central do município, atualmente com 15 turmas do ensino médio, totalizando 437 estudantes. Uma escola da região norte, com 15 turmas e 483 estudantes cursando o ensino médio e uma escola da região sul, que conta com nove turmas de ensino médio, totalizando 265 estudantes. (Qedu, 2021).

O último censo escolar disponível realizado no ano de 2021, mostrou que Florianópolis conta com a existência de 24 escolas de ensino médio estadual de gestão estadual, localizadas na área urbana e rural do município e contavam com 3552 estudantes matriculados no 3º ano do ensino médio (Qedu, 2021). Para escolher quais escolas participariam, utilizamos como critério as regiões do município, sendo por conveniência, selecionadas uma escola da região norte, outra da região sul e uma da região central.

O total de participantes foi de 122 estudantes, ou seja, houve a participação de 39% dos participantes dos terceiros anos do ensino médio das três escolas

selecionadas, representando um pouco mais de 3% dos estudantes do município.

A tabela abaixo mostra a porcentagem de participação dos estudantes por escola.

Tabela 1 - Número de estudantes matriculados e de participantes do estudo.

Escola	Total de estudantes matriculados	Total de participantes	%
Escola da região central	140	35	25
Escola da região norte	108	57	52
Escola da região sul	64	30	46
Total	312	122	39

Fonte – Dados do estudo, 2022.

Para a coleta de dados foi utilizada a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) e hierarquização. Esta técnica é frequentemente utilizada para investigação das estruturas das representações sociais. Através dela, é possível fazer análises que poderão indicar os elementos constituintes do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais do grupo, análise esta denominada prototípica. A fim de verificar subgrupos, foram solicitados aos participantes, além das evocações para a busca dos elementos constituintes do núcleo central, dados de cunho sociodemográfico, a fim de caracterizar o perfil dos estudantes, desta forma no instrumento de coleta contemplou a escola que estuda, bairro onde mora, autodeclaração de cor e sexo, idade e com quem mora.

A aplicação *in loco* demandou que os estudantes tivessem acesso à internet e telefone celular com leitura de *Qr code*, pois os questionários eram de forma *online*. O leitor de *Qr code* poderia ser nativo do sistema do telefone ou baixado de lojas oficiais do sistema Android ou IOS. Aos estudantes que não tinham acesso à internet o pesquisador disponibilizou acesso a sua internet privada por meio de

seu celular para a leitura do código e para responder ao questionário, bem como aos estudantes que não tinham celular o pesquisador disponibilizou o seu aparelho para que participassem.

A principal regra ao responder o questionário é a não utilização de frases, somente palavras soltas, adjetivos ou substantivos. E quanto ao tempo, quanto mais rápido for o registro melhor (Coltinho; Bú, 2017). O tempo de resposta e presença nas salas de aula não ultrapassou 15 minutos, afim de não atrapalhar o andamento das aulas.

O pesquisador, após explicar quem era e como participar da pesquisa e deixar claro que poderiam simplesmente não participar, tirou algumas dúvidas sobre os *QR codes* que estavam no convite, que foi entregue aos participantes em sala de aula. Um era o *Qr code* destinado ao formulário dos pais ou representantes, outro era destinado ao questionário dos estudantes menores de idade e o outro *Qr code* dava acesso ao questionário para os estudantes maiores de idade. Somente os estudantes que seus pais ou responsáveis autorizaram a participação fizeram parte da pesquisa.

Com as respostas dos estudantes do 3º ano do ensino médio das três escolas estaduais de Florianópolis participantes, foram obtidos 610 termos. Para ser viável a análise dos termos, estes foram agrupados por similaridades. A semântica de cada evocação foi analisada e agrupada em 7 (sete) termos, são eles: Assédio, Consequência, Intolerância, Meio, Ofensas, Solução e Outros. Este tratamento das respostas obtidas dos participantes é uma possibilidade dentre outras. Segundo Wachelke; Wolter (2011), respostas como “amigos, amiga e amizade”, poderiam ser agrupadas numa categoria intitulada pela resposta mais frequente entre elas ou pela resposta que melhor traduzir a classe geral que reflete o que

elas têm em comum. Para deixar claro os critérios de cada agrupamento, está disponibilizado, neste [link](#), um arquivo com duas tabelas, uma tabela são todas as evocações respondidas pelos estudantes, da forma como foram escritas *in loco* e outra com os agrupamentos formados. Abaixo está uma descrição de cada agrupamento formado.

- *Assédio* – Neste agrupamento foram inseridos o próprio termo juntamente com os seus similares. A exemplo, *abalar o psicológico*, nitidamente não se configura um termo, mas esta expressão tem em seu sentido um comportamento de assédio a outro. Este abalar o psicológico pode ser um xingamento ou qualquer outro comportamento que vitime o outro. Temos que levar em conta o termo indutor e o ambiente onde foram expressos. O termo *agressão* é outro que está neste grupo, o critério é o de que a agressão, física ou psicológica, é uma forma de perseguição e intimidação. Em seu significado, em linguagem figurada, assédio é “Insistência impertinente, em relação a alguém, com declarações, propostas, pretensões, etc.” (MICHAELIS, 1998).
- *Consequência* – Neste agrupamento estão palavras com sentido de determinada consequência para a vítima. Estão neste grupo, *crime*, *depressão*, *discussão*, *sofrimento*, *suicídio*, etc. São termos que refletem sofrimento frente à violência virtual. No dicionário consultado, entre outros significados, consequência é o: “Efeito negativo nas condições de saúde física ou mental; dano, ferimento, sequela.” (MICHAELIS, 1998).
- *Intolerância* – O agrupamento em questão se refere a termos que revelam intolerância ao próximo. Neste grupo de termos se encontra o próprio termo

e similares como: *Homofobia, Gordofobia, Machismo, Discriminação, etc.* Seu significado, entre outros, no dicionário é: “Intransigência contra pessoas que têm opiniões, atitudes, ideologias, crenças religiosas, etc. diferentes da maioria.” (MICHAELIS, 1998).

- *Meio* – Neste agrupamento estão termos que se referem ao meio onde são realizados os atos da violência virtual, seriam os instrumentos que serviriam para os comportamentos de *Cyberbullying*. São termos como: *Internet, Redes sociais, Perfil fake, etc.*
- *Ofensas* – Neste agrupamento estão os xingamentos e outras formas de insultos proferidos pelos estudantes. São ofensas aos agressores e termos utilizados contra as vítimas. Termos que remetem à condenação ou que são utilizados para ferir as vítimas no ato de violência virtual/*Cyberbullying*.
- *Solução* – O agrupamento em questão se refere a termos que se ligam à solução do problema. São termos que em seu sentido remetem a solucionar a questão do *Cyberbullying*. São termos como: *Consciência, Empatia, Educação, Respeito, etc.*

Os termos que não se enquadram nas categorias acima foram agrupados como *Outros*. São palavras que os participantes escreveram fazendo parte de uma frase “*xingamentos de volta desligar PC*” por exemplo. Este aluno utilizou as cinco opções para escrever as palavras e formou uma frase. Ao analisar, as palavras “de”, “PC”, “Volta” separadamente não foi possível enquadrá-las nas categorias que foram formadas. Outros exemplos da categoria “outros” são: característica, energia, redirecionar, etc.

Todos os procedimentos desta pesquisa estão em acordo com a Resolução

CNS 510/2016 (Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais), bem como com as demais normativas e legislações vigentes e aplicáveis.

A coleta de dados somente foi realizada após autorização expressa dada pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina e do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina e dos diretores(as) das escolas participantes.

Uma das limitações desta pesquisa está no fato de seus resultados não serem passíveis de extrapolação para a população geral, mas restringirem-se ao público estudado. Os resultados correspondem a 39% de estudantes do terceiro ano do ensino médio de três escolas da rede estadual do município.

Sasso (2021), em seus achados encontrou 12 dissertações relacionados ao *Cyberbullying* e escolas no Brasil, demonstrando que ainda é um assunto embrionário no país, dificultando a comparação de resultados.

Outra limitação está no fato das análises das evocações. Quando impomos sentido a uma evocação e agrupamos com evocações semelhantes a possibilidade de equívocos não pode ser descartada. Esta limitação somente pode ser amenizada com entrevistas e maiores explicações do que foi respondido pelo participante.

Flament; Guimelli; Abric, (2006) evidenciaram um fenômeno que Guimelli (1998) denominou *zona silenciosa* e que algumas pesquisas experimentais apontaram para uma possível *zona mascarada* de algumas representações sociais. Isto seria o mascaramento de expressões que evidenciarium uma opinião socialmente não aceitável. No caso desta pesquisa, não se pode descartar que alguns participantes tenham mascarado suas evocações, evidenciando outra limitação desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados provenientes das questões que antecederam a TALP mostram que responderam ao questionário, 122 estudantes, sendo, 74 estudantes com 18 anos ou mais e 48 estudantes menores de 18 anos. Dos participantes (47%) se encontra na escola da região norte, característica que pode ser explicada pela maioria dos participantes serem maiores de idade, sem a necessidade de aceitação para participação de algum responsável. Há também a questão das aulas se concentrarem no período noturno, com estudantes que trabalham durante o dia, talvez isto explique a maioridade evidente dos participantes. A escola da região central obteve uma porcentagem de participação de 29% e a escola da região sul com 24%.

O sexo autodeclarado, não é uma surpresa a maioria ser feminina. Segundo o IBGE (2019) a taxa de frequência escolar líquida ajustada no ensino médio, que mostra estudantes em idade adequada, revelou 66,4% ser do sexo masculino e 75,8% é do sexo feminino. Nesta pesquisa, esta diferença é de 35%, ou seja, há 35% mais mulheres do que homens entre os participantes desta pesquisa. Houveram dois participantes que se declararam não binário, ou seja, nem masculino nem feminino, um que se declarou gênero fluido e dois participantes que não responderam esta questão. A tabela abaixo mostra as respostas autodeclaradas de sexo e cor dos participantes.

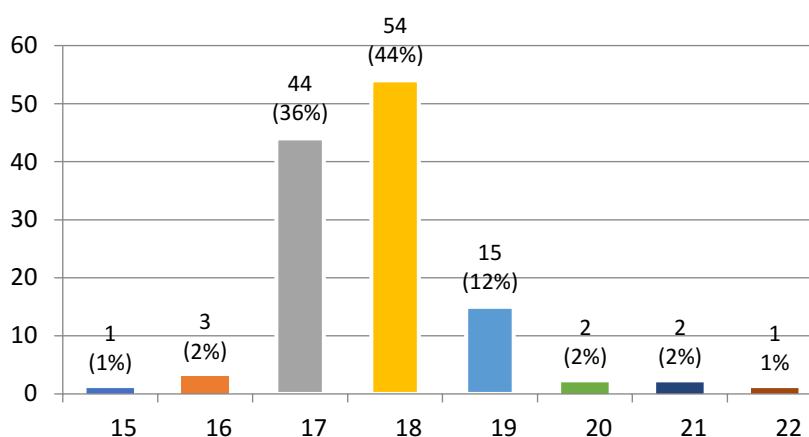
Tabela 2 - Respostas dos estudantes quanto a cor e sexo autodeclarados.

	Total	%		Total	%
Feminino	71	58%	Masculino	46	38%
Branco	52	73%	Branco	34	74%
Escola da região Norte	30	42%	Escola da região Norte	16	35%
Escola da região Central	7	10%	Escola da região Central	13	28%
Escola da região Sul	15	21%	Escola da região Sul	5	11%
Pardo	8	11%	Pardo	3	7%
Escola da região Norte	3	4%	Escola da região Norte	2	4%
Escola da região Central	4	6%	Escola da região Central	1	2%
Escola da região Sul	1	1%	Escola da região Sul	-	-
Preto	11	15%	Preto	9	20%
Escola da região Norte	1	1%	Escola da região Norte	2	4%
Escola da região Central	5	7%	Escola da região Central	5	11%
Escola da região Sul	5	7%	Escola da região Sul	2	4%

Fonte: Dados do estudo, 2022.

Sobre a idade dos participantes, a soma dos que são maiores de idade é de 74 estudantes, ou seja 61% dos respondentes tem 18 anos ou mais, consequentemente os menores de idade representaram 39%, somando 48 estudantes participantes.

Figura 1 - Idade dos Participantes.



Fonte: Dados do Estudo, 2022.

A Análise Prototípica ou Análise de Quatro Casas

Vergès (1992) elaborou uma técnica para caracterizar a partir das evocações de palavras, a estrutura das representações sociais. Técnica baseada em duas etapas: a primeira chama-se análise prototípica, que é a análise dos cálculos da frequência e da ordem das evocações das palavras. A segunda etapa baseia-se na formulação de categorias reunindo as evocações, avaliando suas frequências, composições e simultaneidade de ocorrências.

A sua relativa simplicidade para revelar resultados persistentes a partir de poucos dados e estruturá-los, tornou a técnica de Vergès muito difundida e popular para estudar as representações sociais na pesquisa de base e pesquisas aplicadas, tendo como principal objetivo, a compreensão e diagnósticos que se referem a temas sociais, instrumentalizando intervenções profissionais. Os principais campos de utilização desta técnica estão na área da saúde e educação (WACHELKE; WOLTER, 2011).

De acordo com Vergès (1992), as respostas relatadas pelos participantes têm duas de suas coordenadas calculadas, a frequência de evocações do grupo e a ordem média de evocações. A frequência de evocações seria a soma do número de todas as repostas. No caso da presente pesquisa foram 580 evocações. Utilizando o programa OpenEvoc, para análise das evocações, são obtidos, a frequência e a ordem média das evocações de acordo com a hierarquização feita pelos participantes em suas repostas. As palavras prontamente reveladas têm uma ordem de importância maior, sendo as outras respostas progressivamente, perdendo a sua importância.

Esta pesquisa optou por cinco evocações, segundo Wachelke; Wolter, (2011), os estudos que utilizam análise prototípica solicitam de três a cinco

respostas por participante, mas poderia ser pedido um número de respostas diferentes, não há restrições.

As evocações com maiores frequências formam o núcleo central das representações sociais deste grupo. As evocações com maiores frequências, mas que foram ditas ou escritas em um segundo ou terceiro momento podem fazer parte das zonas periféricas e assim por diante. A seguir vamos explicar detalhadamente o quadro de quatro casas, quadro 1, 2, 3 e 4, já utilizando o resultado obtido do grupo geral.

Os sinais no canto superior esquerdo de cada quadrante são a frequência e a ordem de evocação. Sinalizado com os sinais (++) seriam maiores frequências e maiores ordens de importância relatadas pelos estudantes. Pode se reparar, no quadro 1, que neste quesito as evocações “Consequência” e “Ofensas” foram os resultantes. Ou seja, neste quadrante estão as evocações em maiores quantidades e com maior importância ou que foram relatadas mais prontamente. Quadrante que seria o núcleo central das representações sociais de um grupo sobre um tema indutor.

Quadro 1 - 1º Quadrante do Grupo Geral.

++	Frequência \geq 7.93 / Ordem de evocação $<$ 2.91	
25.69%	Consequência	2.86
7.93%	Ofensas	2.89

Fonte: Dados do Estudo, 2022.

O 2ª quadrante, quadro 2, da análise prototípica é denominado 1ª periferia. Os sinais (+-) seriam maiores frequências e ordem de importância menores, ou seja, foram as evocações escritas em ordem de importância do segundo ou

terceiro lugar em diante o que resultou nos agrupamentos “Assédio” e “Intolerância”. Para ficar mais claro, vamos comparar este quadro com o quadro 1, do possível núcleo central. Este é um ponto importante para entendermos estas análises.

Quadro 2 - 2º Quadrante do Grupo Geral.

+ -	Frequência ≥ 7.93 / Ordem de evocação ≥ 2.91	
35.52%	Assédio	2.91
23.1%	Intolerância	3.28

Fonte: Dados do Estudo, 2022.

O quadro 2 apresenta as palavras “Assédio” com uma frequência maior que a palavra “Consequência”, respectivamente 35,52% e 25.69%. O que faz “Assédio” estar no quadro da primeira periferia e não ser o núcleo central da representação é o momento em que ela foi escrita, ou hierarquizada pelo participante. O agrupamento “Assédio” foi mais vezes citado, mas com uma hierarquia menor, das cinco alternativas para colocar em ordem de importância, este agrupamento foi evocado da segunda ou terceira alternativa em diante. A média de importância das evocações foi 2.91 e este agrupamento ficou igual ou acima deste valor. Já o agrupamento “Consequência” ficou abaixo desta média na hierarquia nas evocações, foi evocado mais prontamente, por isso o agrupamento “Consequência”, possivelmente, é o núcleo central deste grupo.

O terceiro quadrante, quadro 3, é representado com os sinais menor (-) e maior (+). Isso significa que o número de evocações foi menor e com uma ordem de importância maior que a média, no caso, 2,91. As evocações nestas condições foram do agrupamento “Meio”. São evocações que se configuram abaixo da média

geral no momento em que foram escritas e com uma frequência de evocações abaixo de 7,93% evocações. Estas evocações configuram a zona de contrastes do grupo, falaremos sobre isso mais adiante.

Quadro 3 - 3º Quadrante do Grupo Geral.

-+	Frequência < 7.93 / Ordem de evocação < 2.91	
5.34%	Meio	2.74

Fonte: Dados do Estudo, 2022.

Por fim, no último ou quarto quadrante, quadro 4, também denominado 2ª periferia, as evocações que foram obtidas são do agrupamento “Solução”. Neste quadrante os sinais (--) referem-se à menor frequência e menor ordem de importância. Foram as evocações que menos os participantes evocaram e com ordem de importância, das cinco evocações, da terceira em diante. Foi evocada em 2,41% das vezes.

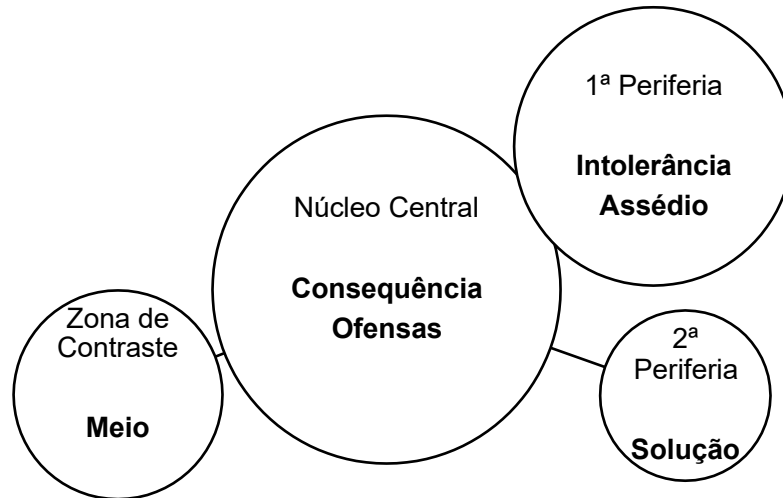
Quadro 4 - 4º Quadro do grupo Geral.

--	Frequência < 7.93 / Ordem de evocação >= 2.91	
2.41%	Solução	3.14

Fonte: Dados do Estudo, 2022.

Abaixo se encontra, em forma de diagrama, o quadro de quatro casas ou análise prototípica das representações sociais do grupo geral.

Figura 2 - Diagrama dos resultados das representações sociais do grupo geral

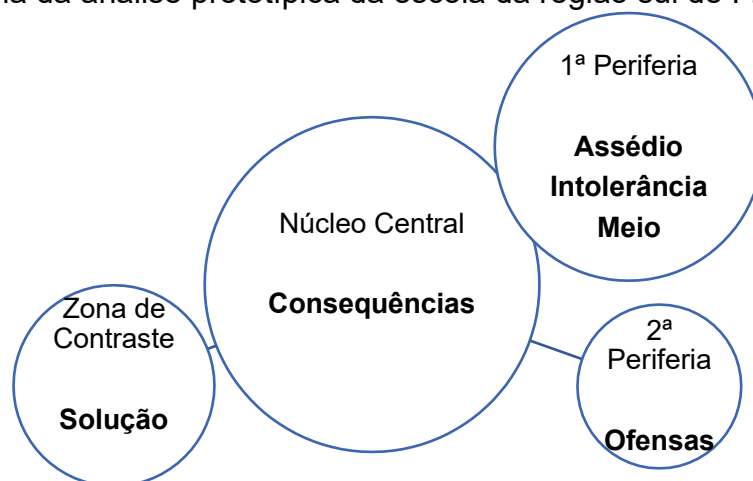


Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Para dar uma dimensão melhor vamos mostrar a análise prototípica nos subagrupamentos. O primeiro subagrupamento que vamos verificar são das escolas. Nas figuras 3, 4 e 5, vamos ver os resultados nas escolas participantes.

O resultado para a escola da região sul apresentou como núcleo central o agrupamento "Consequências". Para alguns autores a 1ª periferia poderia se configurar como o núcleo central dos participantes. Se observarmos os valores que se apresentaram poderíamos cogitar que "Assédio" poderia se configurar como núcleo destas representações sociais sobre o tema da violência virtual.

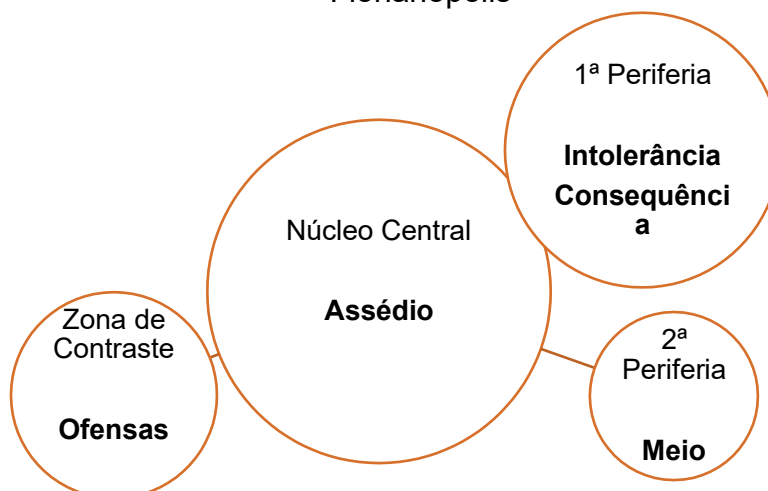
Figura 3 - Diagrama da análise prototípica da escola da região sul de Florianópolis.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022

O resultado da análise prototípica obtida na escola da região central de Florianópolis é observado no diagrama abaixo, quadro 4. Estes valores correspondem a 21.38%, para a frequência e para a ordem de importância foi de 2.8. Com isso o agrupamento de evocações que obteve maior frequência e maior ordem de importância foi o agrupamento “Assédio”.

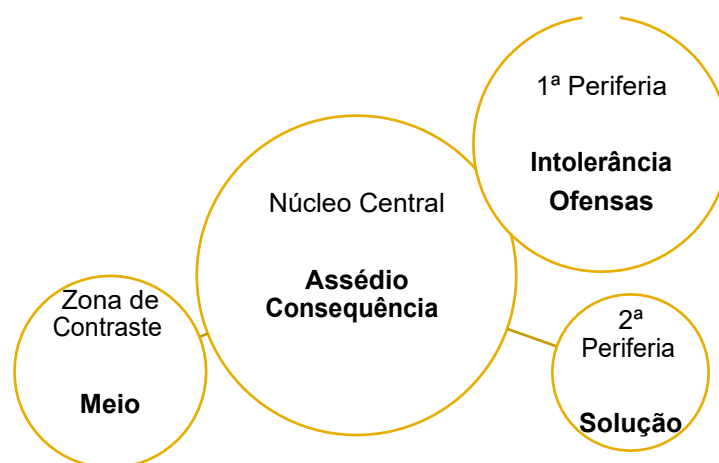
Figura 4 - Diagrama da análise prototípica da escola da região central de Florianópolis



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A análise prototípica da escola da região norte do município resultou que as evocações que provavelmente seriam o núcleo das representações sociais sobre violência virtual/*Cyberbullying* foram os agrupamentos “Assédio” e “Consequência”. Estes resultados revelam a proximidade das representações sociais sobre o tema nestas instituições.

Figura 5 - Diagrama da análise prototípica da escola da região central de Florianópolis.



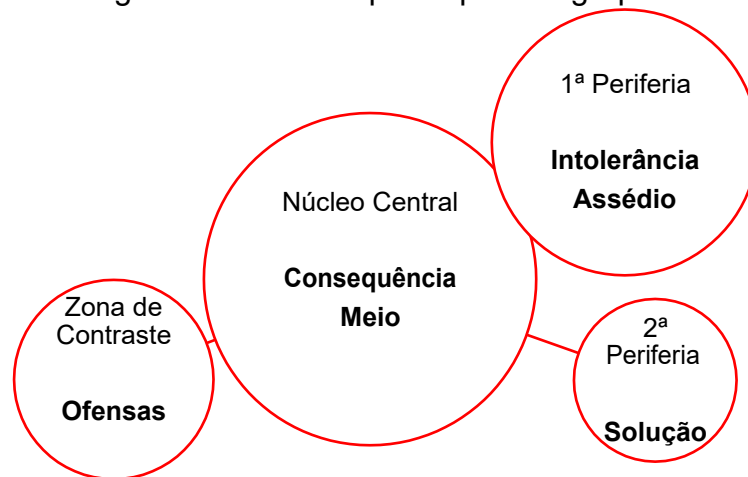
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao observar as três análises prototípicas das escolas participantes foram evidenciadas poucas modificações nos agrupamentos de evocações. O agrupamento “Consequência” foi o mais frequente e com uma importância maior de evocação na escola da região sul do município. Na escola da região central foi o agrupamento “Assédio” e na escola da região norte foram os agrupamentos “Assédio” e “Consequência”. Resultados com pouca diversidade e que coerentemente se assemelham.

O subagrupamento sexo também foi analisado e a seguir vamos observar os diagramas das prototipagens destes grupos de participantes.

Podemos observar que os agrupamentos “Consequência” e “Meio” foram os mais prontamente escritos e com maior frequência, sendo o núcleo central do grupo feminino. A zona de contraste obteve o resultado “Ofensas”, o que mostra um subgrupo feminino, que provavelmente tem como núcleo central as palavras que remetem a ofensas em suas representações sociais do tema. O agrupamento “Soluções” foi destacado na 2ª periferia demonstrando busca de soluções de algumas alunas para o tema da violência virtual.

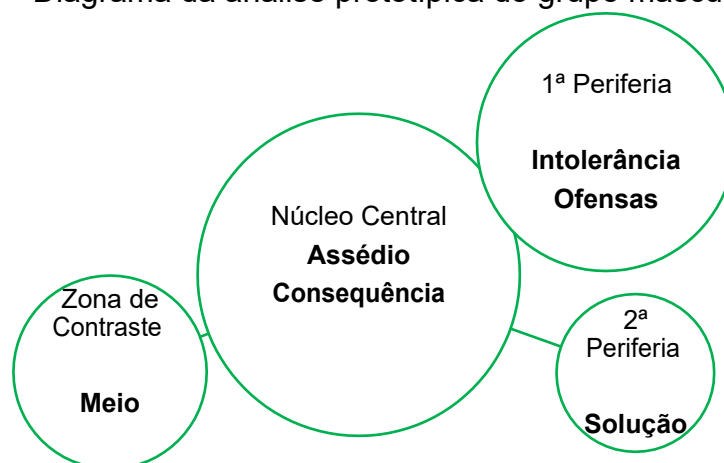
Figura 6 – Diagrama da análise prototípica do grupo feminino.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

No grupo masculino, “Assédio” e “Consequência” foram os resultantes da análise prototípica, se apresentando como o núcleo central das representações sociais sobre violência virtual/*Cyberbullying* deste grupo. Somente para fazer uma comparação com o grupo feminino, o agrupamento de evocações “Meio” no grupo masculino foi localizado na zona de contraste e no grupo feminino este agrupamento de evocações foi localizado no possível núcleo central.

Figura 7 – Diagrama da análise prototípica do grupo masculino.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao analisar o quadro de quatro casas é importante relatar o que cada quadro tem para nos dizer. O que o núcleo central representa para um grupo e como os sistemas periféricos interagem com este núcleo.

Hilger; Stipcich; Moreira (2017) relatam que no núcleo central estão as ideias mais importantes e estáveis, enquanto os elementos mais acessíveis e maleáveis estão nas periferias das representações sociais. Abric (2000) diz que o núcleo central é basicamente determinado pelo campo social e é influenciado pelas condições sociológicas, ideológicas e históricas.

O núcleo central das representações sociais sobre violência virtual/*Cyberbullying* dos estudantes participantes são os termos dos agrupamentos “Consequência” e “Ofensas”. Consequências estando presente no núcleo central de todos os grupos analisados, com exceção somente na escola da região central.

Suicídio, frustração, ódio, sofrimento, traumas, entre outras, são palavras que compõem o agrupamento “Consequências”. São ideias e sentimentos que trariam uma consequência ruim para as vítimas do *Cyberbullying*. Resultado que

pode mostrar sentimentos de empatia e preocupação dos participantes e, de acordo com a teoria sobre o núcleo central, estas são ideias que estão estáveis e inflexíveis dentro do grupo estudado. Isto nos diz que as consequências do *Cyberbullying*/Violência virtual estão no centro de seus sentimentos e ideias das representações sociais deste grupo de participantes.

Ao nos depararmos com estes resultados pode-se dizer que as consequências trazem aos participantes sentimentos de preocupação sobre o tema. O núcleo central das representações sociais tem entre outras funções a memória coletiva, fazendo refletir sobre condições históricas e sociais. Este resultado nos entrega valores do grupo que são condizentes com pensamentos e sentimentos de experiências passadas traumáticas sofridas ou testemunhadas. Quando se tem como centro de um pensamento a preocupação com as consequências que um comportamento pode causar, podemos afirmar que é um grupo com informação e experiências vivenciadas ou observadas sobre a violência.

Wendt (2012) utilizando o *Revised Cyberbullying Inventory (RCBI)*, que aplicou em adolescentes de 11 a 17 anos de escolas particulares e públicas da capital Porto Alegre, estado do Rio grande do Sul, trouxe como resultado que 72,7% dos participantes relataram ao menos um incidente de *cyber* agressão e 75,6% disseram terem ao menos um episódio nos últimos seis meses de *cyber* vitimização. Constatou ainda que os adolescentes vítimas ou agressores apresentam maiores sintomas de depressão.

Ao analisar a pesquisa de Wendt e comparar com os resultados obtidos nesta pesquisa, a depressão está alinhada às “Consequência”. Tal termo foi relatado por alguns participantes em suas evocações, fazendo parte do núcleo central das representações sociais do grupo geral, podendo evidenciar contato

direto com o fenômeno.

A escola da região central de Florianópolis, juntamente com o grupo masculino, analisados separadamente, apresentaram, além das “Consequências” em seu núcleo central as palavras sobre o agrupamento “Assédio”.

No agrupamento “Assédio” estão possivelmente as expressões que mais se somam quando se fala em feminino e violência. Evocações como “Fofoca”, “zoar o corpo”, “vazamentos de fotos” estão muito atreladas ao grupo feminino. Wendt (2012) constatou que as meninas têm frequências maiores no papel de *Cyber* vítimas e maiores sintomas depressivos em comparação com os meninos.

Assédio foi um dos resultados da primeira periferia do grupo geral, da escola localizada na região sul do município de Florianópolis, e do grupo feminino. A primeira periferia das representações sociais tem a característica de ser um complemento do núcleo central, referindo-se à apropriação de novos conceitos não inteiramente incorporados ao núcleo central, indicando provavelmente, a possibilidade de agregar novas crenças e opiniões. Analisando as palavras este agrupamento ditas pelos estudantes, pode-se verificar um discurso de complementariedade das consequências. São expressões de todos os tipos de comportamentos no mundo virtual que trazem para a vítima sofrimento e humilhação. Como é uma região das representações sociais dos participantes que traz complementariedade ao núcleo central e para alguns autores possa ser até o próprio núcleo central, estes sentimentos e ideias da primeira periferia das representações sociais destes grupos estão se somando, ou poderíamos dizer, são as causas das consequências do *Cyberbullying*. Chama a atenção ao se observar a primeira periferia de todos os grupos analisadas o agrupamento “Intolerância”. São palavras como: agressão, desrespeito, falta de educação, falta

de respeito, homofobia, hostilidade, etc. Nestas palavras estão talvez o que mais revela a raiz da violência em si. São evocações que remetem a falta de empatia, desrespeito com o outro e, de certa forma, o que há de mais grave no mundo virtual. São denúncias de formas sofridas pelas vítimas ou indícios de como se dá a violência por meio do mundo virtual. Em seu texto, com base na teoria psicanalítica sobre as raízes da intolerância, Herzog (2019) revela, por meio da teoria freudiana, relatado aqui de forma simplista, que os humanos têm como característica o que foi denominado “narcisismo das pequenas diferenças”, termo cunhado por Freud em 1918 no livro “O tabu da virgindade”. Esta característica seria a base do preconceito, preconceito que está na fonte da intolerância. A autora neste recorte diz:

“É justamente aí que pode residir a passagem do preconceito para a intolerância – quando se rouba a humanidade do outro, pois se passa a desconsiderar o outro; a vida do outro passa a não ter valor; entretanto, ainda assim, ela continua sendo vista como uma ameaça à minha vida na medida em que ela reivindica um lugar, um direito, e isto é impossível de se tolerar” (Herzog, 2019, p. 277).

É importante dizer que a discussão sobre intolerância é muito além do que foi citado neste pequeno trecho, mas pode dar uma pequena luz na discussão sobre o tema. O “roubar a humanidade” é caracterizado nas palavras, “racismo”, “homofobia”, “Intolerâncias diversas”, etc. Este comportamento, que tem sua raiz na diferença é ilustrada na passagem “a diferença que ameaça, que incomoda, é justamente a diferença que cada um carrega dentro de si próprio. O diferente é o estrangeiro no interior de cada um de nós” (Herzog, 2019, p.277).

As evocações da zona de contraste, pode indicar que são complementos da primeira periferia ou indicar a existência de subgrupos entre o grupo analisado. São participantes que dão maior importância para estas evocações, mas não em

quantidade suficiente para se tornar o núcleo central deste grupo de participantes. O grupo de palavras “Meio” com evocações como: “*fake news*”, “perfis falsos”, “conta *fake*”, foram, entre outras, as que se apresentaram nesta região das representações sociais do grupo geral, da escola da região norte e do grupo masculino. São palavras que remetem ao meio ou formas utilizadas no ato do *Cyberbullying*.

Esta região das representações sociais carrega a característica de ser uma indicação de um grupo menor inserido no grande grupo. Uma prova desta característica da zona de contraste é o núcleo central do grupo feminino. Esta característica mostra que esta região da análise prototípica revela que há um subgrupo inserido dentro do grupo analisado que tem como núcleo central evocações que são diferentes das que se apresentam no grupo maior. Por exemplo, no grupo geral analisado o núcleo central foram os agrupamentos “Consequência” e “Assédio”. A zona de contraste do grupo geral obteve como resultado o agrupamento de palavras “Meio”, o que indicou que havia um grupo de participantes que tinham o núcleo central diferente em suas representações, este grupo de participantes foi provado quando o grupo feminino foi analisado, onde, o núcleo central foi justamente o agrupamento de palavras “Meio”. Isto resulta em uma prova de conceito da teoria.

A zona de contraste em que o grupo feminino apareceu foi no grupo geral e na escola da região norte, escola com maior número de participantes mulheres. Neste resultado é indicado que as estudantes participantes veem as formas como é realizado o *Cyberbullying* como importantes em seus pensamentos. Perfis falsos, redes sociais, identidade falsa, entre outras palavras revelam que o grupo feminino estudado tem desconfianças no mundo virtual. Wendt (2012) revela que elas

recebem maiores orientações e conselhos de seus pais quanto ao uso de tecnologias de informação e comunicação.

Palavras ofensivas e xingamentos formam o agrupamento “Ofensas”. Basicamente são xingamentos utilizados para ofender os perpetradores e/ou são utilizados para realizar o ato da violência virtual, faz parte do núcleo central do grupo geral.

Stephens; Allsop (2012), concluem em seu estudo sobre efeitos da dor, que xingamentos e palavrões têm uma resposta emocional que diminuem o efeito da dor. Levando este achado para o resultado em questão, estas evocações, de certa forma, podem ter tido este efeito. Ao abordar um assunto desta magnitude, mesmo sem estarem atentos a isso, pode significar uma resposta emocional de enfrentamento a algo que causaria dor ao participante ou a algum conhecido, levando a terem esta atitude para amenizá-la internamente.

As palavras ofensivas se repetidas em outros ambientes que não o escolar, não são mais *Cyberbullying* e sim crimes passíveis de sanções penais. Neste sentido, trabalhar nos anos iniciais estes comportamentos se torna fator importante com o grupo de escolares. Discutir este ponto pode ser um caminho a ser seguido. Quando se utiliza destas estratégias no enfrentamento do problema pode se criar outros problemas.

Trabalhar com este tema também se faz necessário em de programas preventivos, programas estes que devem ter início nos últimos anos do ensino fundamental, segundo Wendt (2012), a faixa etária para melhor trabalhar com o tema é a de 11 a 17 anos, idades que mais apresentam relatos de vitimização por *Cyberbullying*.

Na faixa etária dos participantes desta pesquisa, tendo como maioria

estudantes acima de 18 anos, a ocorrência de *Cyberbullying* toma rumo de condenação e desaprovação. Tokunaga (2010) revela que a partir da idade de 17 anos estes comportamentos sofrem decréscimo. A configuração da violência virtual/*Cyberbullying* é ambientada no meio escolar e o grupo estudado já está em processo de saída deste contexto, o que faz muito sentido com o resultado de Tokunaga. Se houver comportamentos semelhantes após esta idade, não vamos mais chamá-lo de *Cyberbullying*, mas sim, crimes de ofensa, injúria e calúnia por meio virtual. Delitos definidos como crimes contra a honra, previstos nos artigos 138, 139 e 140 do código penal brasileiro (BRASIL, 1940).

O agrupamento “Solução” remete a formas de enfrentamento para evitar que a violência aconteça e preveni-la. Se encontram neste grupo palavras como: “Consciência”, “Empatia”, “Apoio”, “Cuidado”, “Prevenção”, etc. Solução apareceu constantemente na análise da segunda periferia. Esta região da análise das representações sociais que tem como característica não fazer parte do todo, mas de pensamentos individualizados. Solução apareceu como resultado na região das representações da segunda periferia no grupo geral, na escola da região norte do município, no grupo feminino e no grupo masculino. Uma constatação importante é que na escola da região central este agrupamento de palavras não foi citado. Abaixo está um quadro com o resumo das evocações em todos os grupos.

Quadro 5 - Comparação das Representações Sociais dos Grupos Analisados.

Grupos analisados	Núcleo Central	1ª Periferia	Zona de Contraste	2ª Periferia
Grupo Geral	Consequência Ofensas	Assédio Intolerância	Meio	Solução
Escola da região sul	Consequência	Assédio Intolerância Meio	Solução	Ofensas
Escola da região central	Assédio	Intolerância Consequência	Ofensas	Meio
Escola da região norte	Assédio Consequência	Intolerância Ofensas	Meio	Solução
Feminino	Consequência Meio	Assédio Intolerância	Ofensas	Solução
Masculino	Assédio Consequência	Intolerância Ofensas	Meio	Solução

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

CONCLUSÃO

O intuito principal desta pesquisa foi conhecer as representações sociais dos estudantes do terceiro ano do ensino médio de três escolas públicas de Florianópolis, saber se há diferenças por regiões do município, possíveis diferenças entre subgrupos e a partir dos resultados propor ações.

Como conclusão do grupo geral, os resultados não apresentaram diferenças substanciais quando comparados com os resultados das análises feitas nas escolas individualmente. As representações sociais da violência virtual/*Cyberbullying* nas escolas tiveram como resultado o núcleo central os agrupamentos “Consequência” e “Assédio”. Resultado muito idêntico ao núcleo central do grupo masculino.

Concluimos que os adolescentes que participaram da pesquisa veem majoritariamente que comportamentos de violência virtual/*Cyberbullying* são

desprezíveis e demonstraram geralmente uma postura condenatória. Isto é evidenciado em palavras do agrupamento “Consequência” e “Ofensas”, que formaram do núcleo central das representações sociais sobre o tema.

O agrupamento de palavras “Ofensas” se levados ao extremo podem causar problemas a quem as utiliza. Ao xingar ou ofender outra pessoa, mesmo que seja um revide, o papel de vítima é deixado de lado e o sujeito da ação pode passar a ser agressor.

As palavras do agrupamento “Consequência” estão de fato no núcleo central das representações sociais destes participantes. Em todos os subgrupos estudados (escolas e sexo), este agrupamento de evocações esteve no núcleo das representações sociais. É um sentimento estável e inflexível nas representações deste grupo.

O Grupo feminino mostrou em suas representações sociais uma importante ligação com os meios que são utilizados para as ações da violência virtual. Este agrupamento descreve as formas de manipulação existentes para enganar a possível vítima como: perfis falsos, contas falsas em redes sociais, etc. Trabalhar formas de identificar e não serem enganadas por estes comportamentos em redes sociais seria uma das formas de trabalhar com este grupo.

As palavras que remetem à possíveis soluções chamaram a atenção. Se mostraram como sendo de importância individual para uma parcela dos participantes, mas na escola localizada na região central do município, palavras que remetem a soluções não foram expressas.

Os resultados das representações sociais dos estudantes participantes geralmente se concentraram nas consequências da violência virtual/*Cyberbullying*, suas formas e nos receios quanto à credibilidade do mundo virtual.

Uma proposta de trabalho com esta população deve ser centrada nas consequências que o ato da violência virtual tem para a vítima. Evocações como depressão, ansiedade e suicídio, chamam a atenção em um grupo de adolescentes que estão iniciando suas vidas adultas. Os sentimentos que estas palavras remetem podem ser obstáculos a uma vida produtiva em setores essenciais da vida, como trabalho e relacionamentos.

Discutir as consequências de atos, que muitas vezes são confundidos como brincadeiras, se torna o ponto de partida para prevenir que expressões como as do agrupamento “Consequência” se tornem cada vez menos discutidas nesta população, e que se concentrem em atividades que tragam esperança para seus futuros.

A escola deve estar mais presente nesta problemática e discutir com os estudantes formas de prevenção e solução dos problemas. Não que isto não ocorra, muito pelo contrário, mas quando se notam palavras que buscam algum tipo de solução como; “educação” “apoio”, “escola” podem estar sinalizando um pedido de ajuda. Há programas nas escolas e com os pais que previnem este comportamento. Como exemplo institucional está o NEPRE, Núcleo de Educação e Prevenção, da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina que desde 2011 é política estadual de educação e trabalha além da questão da violência nas escolas, temas como abuso de drogas e educação sexual na ótica educacional e preventiva.

Para concluir sugerimos um programa que seja frequente, constante e horizontal, que trate do tema no ambiente escolar para alinhar o pensamento e a atitude destes estudantes quanto ao tema. Vimos e notamos que os estudantes têm um bom conhecimento da temática e que está centrada nas consequências e

nas formas como ocorrem a vitimização por meio *on line*.

Um vislumbre de como estes adolescentes provavelmente representam socialmente a violência virtual/*Cyberbullying* nestas três escolas de Florianópolis nos dá um indicativo da forma de trabalhar com esta população. Nesta pequena pesquisa foi percebido que discutir as consequências, prevenção e as soluções com esta população são caminhos que poderemos explorar.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. Goiânia: AB, p. 27-37. 2000.

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. *In*: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 155-172.

ABRINQ. *Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2019*. Fundação ABRINQ, 2019. Acesso 17 dez 2019. Disponível em:
<https://www.fadc.org.br/sites/default/files/2019-05/cenario-brasil-2019.pdf>

AFIFI, TO. FORTIER, J. SALMON, S. TAILLIEU, T. TURNER, S. *Bullying* victimization experiences among middle and high school adolescents: Traditional *bullying*, discriminatory harassment, and cybervictimization, *Journal of Adolescence*, v. 63, p. 29-40, 2018. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140197117302038?via%3Dihub> Acesso em: 02 abril 2012.

ANTUNES, J. T; MACHADO, Í. E; MALTA, D. C. Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. *Rev. bras. epidemiol.* Rio de Janeiro, v. 23, supl. 1, e200003. SUPL.1, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000200401&lng=en&nrm=iso Acesso em: 11 Mar. 2021.

ARAUJO, N. S. R. *Representações Sociais de Professores de matemática e estudantes da educação de jovens e adultos sobre esta modalidade de ensino e a matemática*. (Tese doutorado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2013. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2016/matematica_teses/tese_nelma_sgarbosa.pdf acesso 21 dez 2019.

ARENDDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSÉDIO. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ass%C3%A9dio/> Acesso em: 04 jan. 2023.

BENETTI.; OLIVEIRA. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 67–76, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050> Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL, Casa Civil. *Lei Nº 10.778, de 24 de novembro de 2003*. Brasília, 2003 Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.778.htm Acesso 18 dez 2019.

BRASIL, Casa Civil. *Lei Nº 10.216, de 6 de abril de 2001*. Brasília, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm#:~:text=LEI%20No%2010.216%2C%20DE,modelo%20assistencial%20em%20saúde%20mental. Acesso 08 ago. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm Acesso 30 jan. 2023.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, *Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990*. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso 16 dez 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm Acesso 16 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências: *Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01*, Diário Oficial da União, nº 96, seções 1e, de 18/5/01. Brasília, 2002. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acidentes.pdf> Acesso 12 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência* /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cultura_paz_saude_prevencao_violencia.pdf Acesso em: 20 dez 2010

CAVALCANTI, J. G. et al. *Bullying* no Contexto da Adolescência: Um Estudo das Representações Sociais. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 96-114, jul. 2019. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3287>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CONSEQUÊNCIA. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/consequencia/> Acesso em: 04 jan. 2023.

COUTINHO, M. P L.; BÚ, E. A Técnica de Associação Livre de Palavras Sobre o Prisma do Software Tri-Deux-Mots (Version 5.2). *Revista Campo do Saber*. v. 3, nº 1, 2017. <http://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/72/58> Acesso em 15 Dez. 2019.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso Acesso em 13 Dez. 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 24, p. 213- 225, Dec. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?lang=pt> Acesso em 30/08/22.

ELIAS, N. *O Processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENGELS, F. *O Anti-Duhring*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FERREIRA, T. R. S. C; DESLANDES, S. F.; Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, Oct. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018001003369&lng=en&nrm=iso acesso em: 16 Mar. 2021.

FLAMENT, C; GUIMELLI, C; ABRIC, J. L. *Effets de masquage dans l'expression d'une représentation sociale. Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 69, p. 15-31, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-cahiers-internationaux-de-psychologie-sociale-2006-1-page-15.htm> Acesso: 08/12/2022.

FREUD, S. *Por que a guerra?* In: *Obras Completas*. v. 22: Rio de Janeiro: Imago, 1932. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1033690/mod_resource/content/1/Aula%2B026%2B-%2BFreud%2B%2BEinstein.pdf. Acesso em 03/03/2021.

GONÇALVES, V. VAZ, C.E A; (Ciber)*Bullying*: revisão sistemática da literatura. *Revista EducaOnline*. Rio de Janeiro, V. 15, nº 1, janeiro / abril de 2021.

Disponível em:

<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/23065/1/cyberbullying-1167-2477-1-SM-vg-cv.pdf> Acesso 17 mar. 2021.

GONZAGA, A. M. A. Pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. in: Pesquisa em Educação: *Alternativas investigativas com objetos complexos*. PIMENTA, S, G.; GHEDIN, E.;

HERZOG. Do preconceito à intolerância: quando se rouba a humanidade do outro. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]*. 2019, v. 22, n. 3, pp. 273-279. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142019003002> Acesso em: 29 nov. 2022.

HILGER; STIPCICH; MOREIRA. Representações Sociais sobre Física Quântica entre estudantes de graduação brasileiros e argentinos. *Lat. Am. J. Phys. Educ.* Vol. 11, No. 1, Mar. 2017. Disponível em: http://www.lajpe.org/mar17/1303_Rafaela_2017.pdf acesso em: 1 dez.2022.

IBGE– INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades e Estados: Florianópolis*. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/florianopolis.html> Acesso em: 07 abr. 2021.

IBGE– INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Taxa de Frequência Ajustada Líquida no ensino Médio*. 2019. Disponível em: [Tabela 7141: Taxa ajustada de frequência escolar líquida, por sexo e faixa etária ideal por curso frequentado \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/tabela/7141?resultado=1) Acesso em: 03 jan. 2023.

INTOLERÂNCIA. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intoler%C3%A2ncia/> Acesso em: 04 jan. 2023.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao Acesso em 19/01/2021

KRUG E.G; DAHLBERG, L. L; MERCY, J. A; ZWI, A.B; LOZANO, R. World report on violence and health. *World Health Organization*, 2002. Disponível em: <http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso 12 dez. 2019.

LIMA, A. M. O “bom aluno” nas representações sociais de professoras da rede municipal de ensino de Recife. 2009. 392p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4282/1/arquivo3441_1.pdf Acesso em: 30/08/22.

MACEDO, D. M; FOSCHIERA, L. N; BORDINI, T. C. P. M; HABIGZANG, L. F;

KOLLER, S. H. Revisão sistemática de estudos sobre registros de violência contra crianças e adolescentes no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2019, v. 24, n.

2. Acessado 17 dezembro 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.34132016>

MALTA, D. C.; MASCARENHAS, M. D. M; BERNAL, R. T. I; ANDRADE, S. S. C. A; NEVES, A. C. M; MELO, E. M; JUNIOR, J. B. S. Causas externas em adolescentes: atendimentos em serviços sentinelas de urgência e emergência nas Capitais Brasileiras - 2009. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 9, p. 2291-2304, 2012. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000900011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 dez. 2019.

MARTINS, C. B. G. Acidentes e violências na infância e adolescência: fatores de risco e de proteção. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 66, n. 4, p. 578-584, 2013.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000400017&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 dez. 2019.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: (Org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 21ªed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>

Acesso em 29/08/22.

MINAYO, M. C. S. *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MIRANDA, R.S. *O bullying a partir de representações sociais de estudantes e da análise de produções científicas*. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação de Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6887/1/arquivototal.pdf> Acesso em: 07 abr. 2021.

MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de Representações Sociais*. 2. ed. Goiânia: AB, p. 27-38. 2000.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 012.

OLIVEIRA, W. A. *et al.* Family interactions and the involvement of adolescents in bullying situations from a bioecological perspective. *Estud. Psicol.* (Campinas), Campinas, v. 37, e180094, 2020. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000101001&lng=en&nrm=iso. Acesso 15 nov.

2020.

OLIVEIRA, W. F. Violência e Saúde Coletiva: contribuições teóricas das ciências sociais à discussão sobre o desvio. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 17, n.

3, p. 42-53, set. 2008. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300006&lng=en&nrm=iso . Acesso 31 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014*. 2014. Disponível em:
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/145086>
 Acesso 01 de jan. 2019.

PAVANI, J. *Conceitos e formas de violência*. In: MODENA, M. R. (org.). *Conceitos e formas de violência*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. 175 p.
 Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso 15 dez. 2019.

QEDU. *Escola da região norte*. 2020. Disponível em: [EEB INTENDENTE JOSE FERNANDES: Censo Escolar | QEDU: Use dados. Transforme a educação](#)
 Acesso em 3 de jan. 2023.

QEDU. *EEB Professor Henrique Stodieck*. 2020. Disponível em: [EEB PROF HENRIQUE STODIECK: Censo Escolar | QEDU: Use dados. Transforme a educação](#)
 Acesso em 3 de jan. 2023.

QEDU. *Escola da região sul*. 2020. Disponível em: [EEB TENENTE ALMACHIO: Censo Escolar | QEDU: Use dados. Transforme a educação](#)
 Acesso em 3 de jan. 2023.

QEDU. *Florianópolis: matrículas e infraestrutura*. 2022. Disponível em: [Florianópolis: Censo Escolar | QEDU: Use dados. Transforme a educação](#)
 Acesso em 3 de jan. 2023.

REIS, A. A. C.; MALTA, D. C.; FURTADO, L. A. C. Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, 2018. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000902879&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 dez. 2019.

SÁ, C. P. *Núcleo central das representações sociais*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 189p.

SANT'ANNA, H. C. OpenEvoc: um programa de apoio à pesquisa em Representações Sociais. In: AVELAR, L. et al. (Org.). *Psicologia Social: desafios contemporâneos*. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2012. https://www.researchgate.net/publication/235430651_openEvoc_UM_PR_OGRAMA_DE_APOIO_A_PESQUISA_EM_REPRESENTACOES_SOCIAIS.
 Acesso em: 18 dez. 2019.

SASSO, M. A. S. *Cyberbullying em contextos educativos: construindo estratégias*

para uma cultura da alteridade na educação profissional e tecnológica (dissertação Mestrado) Jaguari, RS, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/10YASDfG_ZwVVQMPH2pizxac5vSfptgSJ/view?usp=share_link Acesso 28 nov.2022.

STEPHENS, R.; ALLSOP, C. Effect of Manipulated State Aggression on Pain Tolerance. *Psychological Reports* 111(1), 311–321. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.2466/16.02.20.PR0.111.4.311-321> Acesso 01 dez. 2022.

TOKUNAGA, R. S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on Cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26, 277-87. 2010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S074756320900185X> Acesso em 2 dez. 2022.

UNESCO. *El Manifiesto de Sevilla sobre la Violencia: Preparar El Terreno Para La Construcción de La Paz*. (La Conferencia general de la UNESCO en su vigésimo quinta sesión). París, 16 de noviembre de 1989. UNESCO 1992. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000094314_spa Acesso 12 de jan. 2020.

UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York: UNICEF; 2014. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/hidden-in-plain-sight-a-statistical-analysis-of-violence-against-children/> Acesso em: 20 ago. 2021.

UNICEF; FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. Brasil; 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf> Acesso 08 jan. 2021.

VERGÈS, P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central de la représentation. *Bulletin de Psychologie*, 45, 203-209. 1992. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1992_num_45_405_14128 Acesso em 27 nov. 2022.

WACHELKE, WOLTER. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]*. 2011, v. 27, n. 4., pp. 521-526. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017> Acesso 28 Dez. 2022.

WEND, G. *Cyberbullying em adolescentes brasileiros*. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 92 f. 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4749> Acesso 28 nov. 2022.

WIEVIORKA, M. Violência hoje. *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, supl.

p. 1147-1153, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500002&lng=en&nrm=iso. Acesso 14 dez. 2019

8. CONCLUSÃO

O intuito principal desta pesquisa foi conhecer as representações sociais dos estudantes do terceiro ano do ensino médio de três escolas públicas de Florianópolis, saber se há diferenças por regiões do município, possíveis diferenças entre subgrupos e a partir dos resultados propor ações.

Como conclusão do grupo geral, os resultados não apresentaram diferenças substanciais quando comparados com os resultados das análises feitas nas escolas individualmente. As representações sociais da violência virtual/*Cyberbullying* nas escolas tiveram como resultado o núcleo central os agrupamentos “Consequência” e “Assédio”. Resultado muito idêntico ao núcleo central do grupo masculino.

Concluimos que os adolescentes que participaram da pesquisa veem majoritariamente que comportamentos de violência virtual/*Cyberbullying* são desprezíveis e demonstraram geralmente uma postura condenatória. Isto é evidenciado em palavras do agrupamento “Consequência” e “Ofensas”, que formaram do núcleo central das representações sociais sobre o tema.

O agrupamento de palavras “Ofensas” levados ao extremo podem causar problemas há quem as utiliza. Ao xingar ou ofender outra pessoa, mesmo que seja um revide, o papel de vítima é deixado de lado e o sujeito da ação pode passar a ser agressor.

As palavras do agrupamento “Consequência” estão de fato no núcleo central das representações sociais destes participantes. Em todos os subgrupos estudados (escolas e sexo), este agrupamento de evocações esteve no núcleo das representações sociais. É um sentimento estável e inflexível nas representações deste grupo.

O Grupo feminino mostrou em suas representações sociais uma importante ligação com os meios que são utilizados para as ações da violência virtual. Este agrupamento descreve as formas de manipulação existentes para enganar a possível vítima como: perfis falsos, contas falsas em redes sociais, etc. Trabalhar formas de identificar e não serem enganadas por estes comportamentos em redes sociais seria uma das formas de trabalhar com este grupo.

As palavras que remetem à possíveis soluções chamaram a atenção. Se mostraram como sendo de importância individual para uma parcela dos participantes, mas na escola localizada na região central do município, palavras que remetem a soluções não foram expressas.

Os resultados das representações sociais dos estudantes participantes geralmente se concentraram nas consequências da violência virtual/*Cyberbullying*, suas formas e nos receios quanto à credibilidade do mundo virtual.

Uma proposta de trabalho com esta população deve ser centrada nas consequências que o ato da violência virtual tem para a vítima. Evocações como depressão, ansiedade e suicídio, chamam a atenção em um grupo de adolescentes que estão iniciando suas vidas adultas. Os sentimentos que estas palavras remetem podem ser obstáculos a uma vida produtiva em setores essenciais da vida, como trabalho e relacionamentos.

Discutir as consequências de atos, que muitas vezes são confundidos como brincadeiras, se torna o ponto de partida para prevenir que expressões como as do agrupamento “Consequência” se tornem cada vez menos discutidas nesta população, e que se concentrem em atividades que tragam esperança para seus futuros.

A escola deve estar mais presente nesta problemática e discutir com os estudantes formas de prevenção e solução dos problemas. Não que isto não ocorra, muito pelo contrário, mas quando se notam palavras que buscam algum tipo de solução como; “educação” “apoio”, “escola” podem estar sinalizando um pedido de ajuda. Há programas nas escolas e com os pais que previnem este comportamento. Como exemplo institucional está o NEPRE, Núcleo de Educação e Prevenção, da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina que desde 2011 é política estadual de educação e trabalha além da questão da violência nas escolas, temas como abuso de drogas e educação sexual na ótica educacional e preventiva.

Para concluir sugerimos um programa que seja frequente, constante e horizontal, que trate do tema no ambiente escolar para alinhar o pensamento e a atitude destes estudantes quanto ao tema. Vimos e notamos que os estudantes têm um bom conhecimento da temática e que está centrada nas consequências e nas formas como ocorrem a vitimização por meio *on line*.

Um vislumbre de como estes adolescentes provavelmente representam

socialmente a violência virtual/*Cyberbullying* nestas três escolas de Florianópolis nos dá um indicativo da forma de trabalhar com esta população. Nesta pequena pesquisa foi percebido que discutir as consequências, prevenção e as soluções com esta população são caminhos que poderemos explorar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. *In*: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representações sociais**. Goiânia: AB, p. 27-37. 2000.

ABRIC, J. C. O estudo experimental das representações sociais. *In*: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 155-172.

ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2019**. Fundação ABRINQ, 2019. Acesso 17 dez 2019. Disponível em:
<https://www.fadc.org.br/sites/default/files/2019-05/cenario-brasil-2019.pdf>

AFIFI, TO. FORTIER, J. SALMON, S. TAILLIEU, T. TURNER, S. *Bullying victimization experiences among middle and high school adolescents: Traditional bullying, discriminatory harassment, and cybervictimization*, **Journal of Adolescence**, v. 63, p. 29-40, 2018. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140197117302038?via%3Dihub> Acesso em: 02 abril 2012.

ANTUNES, J. T; MACHADO, Í. E; MALTA, D. C. Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. **Rev. bras. epidemiol.** Rio de Janeiro, v. 23, supl. 1, e200003. SUPL.1, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000200401&lng=en&nrm=iso Acesso em: 11 Mar. 2021.

ARAUJO, N. S. R. **Representações Sociais de Professores de matemática e estudantes da educação de jovens e adultos sobre esta modalidade de ensino e a matemática**. (Tese doutorado). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2013. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2016/matematica_teses/tese_nelma_sgarbosa.pdf acesso 21 dez 2019.

ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSÉDIO. *In*: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ass%C3%A9dio/> Acesso em: 04 jan. 2023.

BENETTI.; OLIVEIRA. O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 67–76, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69050> Acesso em: 12 dez. 2020.

BRASIL, Casa Civil. **Lei Nº 10.778, de 24 de novembro de 2003**. Brasília, 2003 Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.778.htm Acesso 18

dez 2019.

BRASIL, Casa Civil. **LEI Nº 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001**. Brasília, 2001. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm#:~:text=LEI%20No%2010.216%2C%20DE,modelo%20assistencial%20em%20saúde%20mental. Acesso 08 ago. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm Acesso 30 jan. 2023.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso 16 dez 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm Acesso 16 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências: **Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01**, Diário Oficial da União, nº 96, seções 1e, de 18/5/01. Brasília, 2002. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acidentes.pdf> Acesso 12 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência** /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cultura_paz_saude_prevencao_violencia.pdf Acesso em: 20 dez 2010

CAVALCANTI, J. G. et al. *Bullying* no Contexto da Adolescência: Um Estudo das Representações Sociais. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 96-114, jul. 2019. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3287>. Acesso em: 07 abr. 2021.

CONSEQUÊNCIA. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/consequencia/> Acesso em: 04 jan. 2023.

COUTINHO, M. P L.; BÚ, E. A Técnica de Associação Livre de Palavras Sobre o Prisma do Software Tri-Deux-Mots (Version 5.2). **Revista Campo do Saber**. v. 3, nº 1, 2017.

<http://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/72/58> Acesso

em 15 Dez. 2019.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso Acesso em 13 Dez. 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 24, p. 213- 225, Dec. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLHy4XhdJsChj7YW7jh/?lang=pt> Acesso em 30/08/22.

ELIAS, N. **O Processo Civilizatório**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENGELS, F. **O Anti-Duhring**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FERREIRA, T. R. S. C; DESLANDES, S. F. *Cyberbullying*: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, Oct. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018001003369&lng=en&nrm=iso acesso em: 16 Mar. 2021.

FLAMENT, C; GUIMELLI, C; ABRIC, J. L. Effets de masquage dans l'expression d'une représentation sociale. *Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 69, p. 15-31, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-cahiers-internationaux-de-psychologie-sociale-2006-1-page-15.htm> Acesso: 08/12/2022.

FREUD, S. **Por que a guerra?** In: Obras Completas. v. 22: Rio de Janeiro: Imago, 1932. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1033690/mod_resource/content/1/Aula%2B026%2B-%2BFreud%2B%2BEinstein.pdf . Acesso em 03/03/2021.

GONÇALVES, V. VAZ, C.E A; (Ciber)*Bullying*: revisão sistemática da literatura. **Revista EducaOnline**. Rio de Janeiro, V. 15, nº 1, janeiro / abril de 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/23065/1/cyberbullying-1167-2477-1-SM-vg-cv.pdf> Acesso 17 mar. 2021.

GONZAGA, A. M. A. Pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. in: Pesquisa em Educação: **Alternativas investigativas com objetos complexos**. PIMENTA, S, G.; GHEDIN, E.;

HERZOG. Do preconceito à intolerância: quando se rouba a humanidade do outro. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**. 2019, v. 22, n. 3, pp. 273-279. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142019003002> Acesso em: 29 nov. 2022.

HILGER; STIPCICH; MOREIRA. Representações Sociais sobre Física Quântica entre estudantes de graduação brasileiros e argentinos. **Lat. Am. J. Phys. Educ.** Vol. 11, No. 1, Mar. 2017. Disponível em:

http://www.lajpe.org/mar17/1303_Rafaela_2017.pdf acesso em: 1 dez.2022.

IBGE– INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados: Florianópolis**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/florianopolis.html> Acesso em: 07 abr. 2021.

IBGE– INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Taxa de Frequência Ajustada Líquida no ensino Médio**. 2019. Disponível em: [Tabela 7141: Taxa ajustada de frequência escolar líquida, por sexo e faixa etária ideal por curso frequentado \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/tabela/7141?tipo=tabela) Acesso em: 03 jan. 2023.

INTOLERÂNCIA. In: MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intoler%C3%A2ncia/> Acesso em: 04 jan. 2023.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao Acesso em 19/01/2021

KRUG E.G; DAHLBERG, L. L; MERCY, J. A; ZWI, A.B; LOZANO, R. World report on violence and health. **World Health Organization**, 2002. Disponível em: <http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso 12 dez. 2019.

LIMA, A. M. **O “bom aluno” nas representações sociais de professoras da rede municipal de ensino de Recife**. 2009. 392p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4282/1/arquivo3441_1.pdf Acesso em: 30/08/22.

MACEDO, D. M; FOSCHIERA, L. N; BORDINI, T. C. P. M; HABIGZANG, L. F; KOLLER, S. H. Revisão sistemática de estudos sobre registros de violência contra crianças e adolescentes no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2019, v. 24, n. 2. Acessado 17 dezembro 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.34132016>

MALTA, D. C; MASCARENHAS, M. D. M; BERNAL, R. T. I; ANDRADE, S. S. C. A; NEVES, A. C. M; MELO, E. M; JUNIOR, J. B. S. Causas externas em adolescentes: atendimentos em serviços sentinelas de urgência e emergência nas Capitais Brasileiras - 2009. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 9, p. 2291-2304, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000900011&lng=en&nrm=iso . Acesso em 17 dez. 2019.

MARTINS, C. B. G. Acidentes e violências na infância e adolescência: fatores

de risco e de proteção. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 4, p. 578-584, 2013.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000400017&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 dez. 2019.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21^oed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> Acesso em 29/08/22.

MINAYO, M. C. S. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MIRANDA, R.S. **O bullying a partir de representações sociais de estudantes e da análise de produções científicas**. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação de Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6887/1/arquivototal.pdf> Acesso em: 07 abr. 2021.

MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de Representações Sociais**. 2. ed. Goiânia: AB, p. 27-38. 2000.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, W. A. *et al.* Family interactions and the involvement of adolescents in *bullying* situations from a bioecological perspective. **Estud. Psicol.** (Campinas), Campinas, v. 37, e180094, 2020. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000101001&lng=en&nrm=iso. Acesso 15 nov. 2020.

OLIVEIRA, W. F. Violência e Saúde Coletiva: contribuições teóricas das ciências sociais à discussão sobre o desvio. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 42-53, Set. 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso 31 jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014**. 2014. Disponível em:

<https://apps.who.int/iris/handle/10665/145086>
Acesso 01 de jan. 2019.

PAVANI, J. **Conceitos e formas de violência**. In: MODENA, M. R. (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: EducS, 2016. 175 p.

Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso 15 dez. 2019.

QEDU. **Escola da região norte**. 2020. Disponível em: [EEB INTENDENTE](#)

[JOSE FERNANDES: Censo Escolar | QEdU: Use dados. Transforme a educação](#) Acesso em 3 de jan. 2023.

QEDU. **EEB Professor Henrique Stodieck**. 2020. Disponível em: [EEB PROF HENRIQUE STODIECK: Censo Escolar | QEdU: Use dados. Transforme a educação](#) Acesso em 3 de jan. 2023.

QEDU. **Escola da região sul**. 2020. Disponível em: [EEB TENENTE ALMACHIO: Censo Escolar | QEdU: Use dados. Transforme a educação](#) Acesso em 3 de jan. 2023.

QEDU. **Florianópolis: matrículas e infraestrutura**. 2022. Disponível em: [Florianópolis: Censo Escolar | QEdU: Use dados. Transforme a educação](#) Acesso em 3 de jan. 2023.

REIS, A. A. C.; MALTA, D. C.; FURTADO, L. A. C. Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000902879&lng=pt&nrm=iso Acessos em 18 dez. 2019.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 189p.

SANT'ANNA, H. C. OpenEvoc: um programa de apoio à pesquisa em Representações Sociais. In: AVELAR, L. et al. (Org.). **Psicologia Social: desafios contemporâneos**. Vitória: GM Gráfica e Editora, 2012. https://www.researchgate.net/publication/235430651_openEvoc_UM_PROGRAMA_DE_APOIO_A_PESQUISA_EM_REPRESENTACOES_SOCIAIS. Acesso em: 18 dez. 2019.

SASSO, M. A. S. **Cyberbullying em contextos educativos: construindo estratégias para uma cultura da alteridade na educação profissional e tecnológica** (dissertação Mestrado) Jaguari, RS, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/10YASDfG_ZwVVQMPH2pizxac5vSfptgSJ/view?usp=share_link Acesso 28 nov. 2022.

STEPHENS, R.; ALLSOP, C. Effect of Manipulated State Aggression on Pain Tolerance. **Psychological Reports**, 111(1), 311–321. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.2466/16.02.20.PR0.111.4.311-321> Acesso 01 dez. 2022.

TOKUNAGA, R. S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on Cyberbullying victimization. **Computers in Human Behavior**, 26, 277-87. 2010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S074756320900185X> Acesso em 2 dez. 2022.

UNESCO. **El Manifiesto de Sevilla sobre la Violencia: Preparar El Terreno**

Para La Construcción de La Paz. (La Conferencia general de la UNESCO en su vigésimo quinta sesión). París, 16 de noviembre de 1989. UNESCO 1992. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000094314_spa Acesso 12 de jan. 2020.

UNICEF. **Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children.** New York: UNICEF; 2014. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/hidden-in-plain-sight-a-statistical-analysis-of-violence-against-children/> Acesso em: 20 ago. 2021.

UNICEF; FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil.** Brasil; 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf> Acesso 08 jan. 2021.

VERGÈS, P. L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central de la représentation. **Bulletin de Psychologie**, 45, 203-209. 1992. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1992_num_45_405_14128 Acesso em 27 nov. 2022.

WACHELKE, WOLTER. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]**. 2011, v. 27, n. 4., pp. 521-526. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400017> Acesso 28 Dez. 2022.

WEND, G. **Cyberbullying em adolescentes brasileiros.** Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 92 f. 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4749> Acesso 28 nov. 2022.

WIEVIORKA, M. Violência hoje. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1147-1153, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500002&lng=en&nrm=iso. Acesso 14 dez. 2019.

APÊNDICE A - Convite Entregue na sala de Aula para os Estudantes

Convite

Venho convidar os estudantes no 3º ano do ensino médio a participarem da pesquisa de mestrado sobre a violência nas escolas. Meu nome é Anderson Mello, formado em Psicologia e atualmente realizando mestrado em Saúde Coletiva na UFSC.

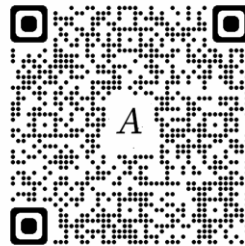
Sua participação é condicionada a autorização dos pais ou responsáveis. E se dará por meio eletrônico. O *QR code* abaixo identificado por responsáveis é o caminho para as 3 questões dos pais ou responsáveis aceitarem e responderem e autorizarem sua participação.

O *QR code* identificado por estudantes é o questionário destinado aos estudantes, contem 5 questões, mas se forem respondidos sem a aceitação dos responsáveis suas respostas não serão validadas.

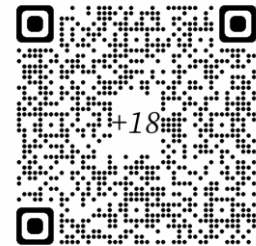
O *QR code* identificado para maiores é destinado para os maiores de 18 anos e não precisam da autorização dos pais ou responsáveis.



Responsáveis



Estudantes



Estudantes maiores de 18
anos

Obrigado, meu contato e outros contatos que envolvem esta pesquisa estão no cabeçalho do questionário.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto de pesquisa: **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLING) ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS**

Pesquisador Responsável: **Anderson Eziquiel de Mello**

Prezado (a), senhor(a)

Seu filho(a) está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa intitulado

“REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLING) ENTRE

ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS” de responsabilidade do pesquisador **Anderson Eziquiel de Mello**.

1. A pesquisa tem por finalidade entender o que o adolescente pensa, sente e representa a respeito da violência virtual. Tem por objetivo analisar as respostas dos estudantes do 3º ano do ensino médio das escolas públicas de Florianópolis.

2. Os estudantes que estão nos 3º anos do ensino médio de três escolas estaduais de Florianópolis, responderão nesta pesquisa 8 perguntas sobre violência por meio de formulário eletrônico. As respostas serão analisadas somente pelo pesquisador, assegurando o sigilo das informações pessoais.

3. A sua autorização ajudará e poderá indicar o que o adolescente pensa sobre a violência virtual e com isso traçar estratégias de atuação para melhores resoluções de problemas relacionados com o tema. Poderá ajudar no trabalho de professores e de outras pessoas que trabalham nas escolas ou com grupos de adolescentes.

4. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento da pesquisa, sem nenhuma penalidade.

5. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

6. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

7. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Mas temos que levar em conta, por ser um ambiente virtual, há a possibilidade, mesmo que remota, sem intenção e de forma involuntária, de quebra de sigilo. Tendo como consequência, para o participante, somente o acesso ao nome completo. Informações sensíveis não estarão em ambiente virtual nesta etapa. As demais informações requeridas para a pesquisa são de natureza pública. Para o pesquisador, as consequências para caso de quebra de sigilo é a interrupção, definitiva ou temporária da pesquisa, informar aos prejudicados e discutir as soluções cabíveis e informar ao sistema CEP/CONEP.

8. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados, assegurando a não divulgação de informações que comprometam a integridade do participante.

9. De forma alguma esta pesquisa trará risco a sua integridade física, mas como em todos os casos em que são tratados assuntos que mexem com as emoções, poderá haver algum grau de desconforto psicológico ocasionado por lembranças de situações vividas no decorrer das questões que falam sobre a violência virtual.

No caso de ocorrência desta natureza o participante será orientado a entrar em contato imediatamente com o pesquisador, que é psicólogo e prestará apoio psicológico inicial e, não havendo solução, havendo, por exemplo, necessidade de acompanhamento mais extenso, o pesquisador o encaminhará para atendimento profissional na Rede de Atenção Psicossocial para fins de solução do problema. Neste caso o pesquisador monitorará o desenvolvimento do atendimento até constatada a resolução do problema.

10. Entre os benefícios aos participantes encontramos a oportunidade de se expressar sobre o problema, o que, conforme a literatura (BENETTI; OLIVEIRA, 2016; FORCHESATTO; 2011) pode trazer alívio a um sofrimento existente e sentir-se encorajado a buscar mais informações sobre o tema da violência.

11. Os pesquisadores cumprirão os termos da resolução 466/12 e/ou 510/16. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com **Anderson Eziquiel de Mello**, pesquisador (a) responsável pela pesquisa, e-mail: eziquiel.melo@gmail.com ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC no endereço, Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, pelo site <https://cep.ufsc.br/> e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br, atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. – 12h00min. - 14h00min – 18h00min, e/ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, telefone (61) 3315.5877, e-mail: conep@saude.gov.br

O Conselho Ético de Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Florianópolis, _____ de _____



Assinatura do responsável

Anderson E. de Mello (pesquisador)

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto de pesquisa: **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLING) ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS**

Pesquisador Responsável: **Anderson Eziquiel de Mello.**

Você está sendo convidado (a) para ser participante do projeto de pesquisa intitulado **“REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL (CYBERBULLING) ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS”** de responsabilidade do pesquisador **Anderson Eziquiel de Mello.**

1. A pesquisa tem por finalidade entender o que o adolescente entende e sente a respeito da violência virtual. Tem por objetivo analisar as respostas dos estudantes do 3º ano do ensino médio das escolas públicas de Florianópolis.

2. Os estudantes que estão nos 3º anos do ensino médio de três escolas estaduais de Florianópolis, responderão nesta pesquisa 8 perguntas sobre violência por meio de formulário eletrônico. As respostas serão analisadas somente pelo pesquisador, assegurando o sigilo das informações pessoais.

3. A sua participação ajudará e poderá indicar o que o adolescente pensa sobre a violência virtual e com isso traçar estratégias de atuação para melhores resoluções de problemas relacionados com o tema. Poderá ajudar no trabalho de professores e de outras pessoas que trabalham nas escolas ou com grupos de adolescentes.

4. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento da pesquisa, sem nenhuma penalidade.

5. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.

6. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

7. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Mas temos que levar em conta, por ser um ambiente virtual, há a possibilidade, mesmo que remota, sem intenção e de forma involuntária, de quebra de sigilo. Tendo como consequência, para o participante, somente o acesso ao nome completo. Informações sensíveis não estarão em ambiente virtual nesta etapa. As demais informações requeridas para a pesquisa são de natureza pública. Para o pesquisador, as consequências para caso de quebra de sigilo é a interrupção, definitiva ou temporária da pesquisa, informar aos prejudicados e discutir as soluções cabíveis e informar ao sistema CEP/CONEP.

8. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados, assegurando a não divulgação de informações que comprometam a integridade do participante.

9. De forma alguma esta pesquisa trará risco a sua integridade física, mas como em todos os casos em que são tratados assuntos que mexem com as emoções, poderá haver algum grau de desconforto psicológico ocasionado por lembranças de situações vividas no decorrer das questões que falam sobre a violência virtual.

No caso de ocorrência desta natureza o participante será orientado a entrar em contato imediatamente com o pesquisador, que é psicólogo e prestará apoio psicológico inicial e, não havendo solução, havendo, por exemplo, necessidade de acompanhamento mais extenso, o pesquisador o encaminhará para atendimento profissional na Rede de Atenção Psicossocial para fins de solução do problema. Neste caso o pesquisador monitorará o desenvolvimento do atendimento até constatada a resolução do problema.

10. Entre os benefícios aos participantes encontramos a oportunidade de se expressar sobre o problema, o que, de acordo com algumas pesquisas, pode trazer alívio a um sofrimento existente e sentir-se encorajado a buscar mais informações sobre o tema da violência.

11. Os pesquisadores cumprirão os termos da resolução 466/12 e/ou 510/16. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com **Anderson**

Eziquiel de Mello, pesquisador (a) responsável pela pesquisa, e-mail: eziquiel.melo@gmail.com ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC no endereço, Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, pelo site <https://cep.ufsc.br/> e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br, atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. – 12h00min. - 14h00min – 18h00min, e/ou com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP, telefone (61) 3315.5877, e-mail: conep@saude.gov.br

O Conselho Ético de Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Florianópolis, _____ de _____ de 2022.



Assinatura do responsável

Anderson E. de Mello (pesquisador)

ANEXO 1 - Termo de Autorização da Secretaria de Estado da Educação



ESTADO DE SANTA CATARINA
 Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis
 Rua: Irmã Bonavita, 240 - Capoeiras

Fone: 3665-6602/3665-4088

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
 Coordenadoria Regional de Educação de Florianópolis:
 Rua Irmã Bonavita, nº 240 - Capoeiras
 CEP: 88090-150 - Florianópolis/SC
 CNPJ: 82.951.328/0001-58

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO OU PROJETO DE PESQUISA

A **COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS** está de acordo com a execução do projeto de extensão intitulado **REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIOLENCIA VIRTUAL (Cyberbullying) ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS**, do(a) pesquisador(a) Anderson Eziquiel de Mello da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Centro de Ciências da Saúde – Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva tendo como Orientador o Prof. Walter Ferreira de Oliveira.

A EEB Intendente José Fernandes, EEB Tenente Almachio e EEB Prof. Henrique Stodieck, localizada em Florianópolis assumem o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de junho de 2022 até agosto de 2022. Com a autorização da realização da pesquisa, ficam o/a pesquisador/a e seu orientador/a responsáveis pelos procedimentos de autorização do Comitê de Ética em Pesquisa e sua aprovação, conforme prevê esta portaria.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso do(a) pesquisador(a) responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados. Autorizamos () *OU Não autorizamos* () a citação do nome da instituição nos títulos e textos das futuras publicações dos resultados do estudo.

Florianópolis, 14 de junho de 2022.

Atenciosamente,

Amanda C. Pereira
Técnico em Educação
Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis
Fone: 3665-4088
Emails: supervisaoes18@sed.sc.gov.br


Amanda C. Pereira
 Técnica em Educação
 Matrícula 331.650